



Convergência

NOVEMBRO 2016
ANO LI • Nº 496

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162



Convergência ISSN 0010-8162

DIRETORA: Irmã Maria Inês Ribeiro, mad
EDITOR: Irmão Lauro Daros, fms
REDATORA: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

CONSELHO EDITORIAL: Frei Moacir Casagrande, ofmcap
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp
Jaldemir Vitório, sj
João Edênio Valle, svd

PROJETO GRÁFICO: Manuel Rebelato Miramontes
COORDENAÇÃO DE REVISÃO: Marina Mendonça
REVISÃO:
IMPRESSÃO: Gráfica de Paulinas Editora
ILUSTRAÇÃO DA CAPA: Sergio Ceron

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540 - Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Sumário

Editorial

Para além do sol
IRMÃO LAURO DAROS 2

Mensagem do Papa

Para além do sol 5

Rosto Misericordioso do Pai

Misericórdia e compaixão na realidade dos hansenianos
IR. ZENILDA LUZIA PETRY 6

Mártires

Servo de Deus, Pe. Ezequiel Ramin: martirizado
por buscar justiça e paz
PE. RAFAEL GEMELLI VIGOLO 14

Informes

Vivendo a intercongregacionalidade: Comunidade
Intercongregacional Nazaré – Porto Príncipe, Haiti
IR. ROSANGELA FERREIRA 17

Qualidades de fé
FREI BETTO 19

Artigos

A misericórdia de Deus diante da morte
PE. JOSÉ CARLOS PEREIRA 21

Raiz carismática da intercongregacionalidade
MARIA CRISTINA ROBAINA PIEGAS 35

Discurso do ganhador do Prêmio da Paz: Navid Kermani 43

A mensagem do Papa Francisco para o Dia dos Finados vem da *Laudato Si'*, centrada na defesa da vida. Na última parte, com o título “Para além do sol”, a Encíclica termina de forma belíssima: “No fim, encontrar-nos-emos face a face com a beleza infinita de Deus (cf. 1Cor 13,12) e poderemos ler, com jubilosa admiração, o mistério do universo, o qual terá parte conosco na plenitude sem fim”.

Na seção Rosto Misericordioso do Pai, Irmã Zenilda traz o texto “Misericórdia e compaixão na realidade dos hanseianos”. “Cuidar dos descuidados é revelar o rosto de misericórdia do Pai. E cuidar dos ‘mais descuidados’ é uma epifania de misericórdia.” A autora oferece relatos da Congregação das Irmãs Franciscanas de São José, que há 90 anos chegou ao Brasil para cuidar dos mais descuidados de então: os hanseianos.

A seção Mártires apresenta o Pe. Ezequiel Ramin, missionário comboniano, da Itália, martirizado em 1985, com 32 anos, numa Rondônia em plena agitação pela febre colonizadora de fazendeiros e muitos pobres em busca de futuro. “Seu martírio nos inspira a sair de nós mesmos e a sonhar um mundo novo, onde todos possamos ser felizes e solidários, em harmonia com toda a Criação. A sua vida missionária é exemplo para toda a Igreja que deseja ser uma ‘Igreja em saída’, como nos pede o Papa Francisco.”

A seção Informes apresenta mais uma experiência de intercongregacionalidade. Irmã Rosângela Ferreira escreve

que “o Haiti nos congregou. O clamor dos pobres nos uniu, a intercongregacionalidade nos conduziu, como ramos de uma mesma vinha, ao serviço solidário através da comunhão dos nossos carismas. Na comunidade intercongregacional, nossos carismas vêm se fazendo mais vida através da comunhão e da solidariedade. A unidade e a comunhão vêm se integrando na pluralidade”.

Frei Betto, com o texto “Qualidades de fé”, expressa que ter fé em Jesus é fácil. “O desafio é ter a fé de Jesus. Fé que identificava Deus com o Pai amoroso, reconhecia-o na face dos pobres, denunciava fundamentalistas e opressores, centralizava-se na justiça e no amor.” E pergunta o autor: “Será que nós, cristãos, cremos no mesmo Deus de Jesus?”.

Na seção Artigos, encontramos o excelente texto do Pe. José Carlos Pereira para o Dia dos Finados: “A misericórdia de Deus diante da morte”, que se inicia assim: “São diversas as passagens bíblicas que revelam o rosto misericordioso de Deus diante da morte. Seleccionamos aqui algumas para tratar do tema da morte, tendo como pano de fundo a misericórdia de Deus nas situações mais extremas da vida. Deus que se compadece de nossas fraquezas, de nossas dores e das nossas limitações, e nos devolve a vida”.

Já a Irmã Maria Cristina Robaina Piegas nos fala sobre como o Espírito Santo está recriando nossos carismas, referindo-se especialmente à intercongregacionalidade: “É um sinal patente dos últimos tempos como esses carismas cobram novo vigor e vão encontrando imprevisíveis modalidades de expressão na vida e missão partilhadas com leigos e leigas, assim como as múltiplas e fecundas formas de inter-congregacionalidade”.

Por fim, vale a pena conhecer o discurso do ganhador do Prêmio da Paz, Navid Kermani, sobre a guerra e o terror do Estado Islâmico contra os cristãos. Escreve o autor que “o mundo, não somente no Iraque e na Síria, é dividido em proibido e permitido; a humanidade é dividida em fiéis e

infiéis. Financiado com somas altíssimas vindas do petróleo, espalhou-se por centenas de anos nas mesquitas, nos livros e na televisão um modo de pensar que, sem exceção, declara como infiéis todos aqueles que têm outro credo”.

IRMÃO LAURO DAROS, MARISTA

Apresentamos a seguir a reprodução de trecho final da Encíclica *Laudato Si'* – *Sobre o cuidado da casa comum*, do Papa Francisco.

★ ★ ★

243. No fim, encontrar-nos-emos face a face com a beleza infinita de Deus (cf. 1Cor 13,12) e poderemos ler, com jubilosa admiração, o mistério do universo, o qual terá parte conosco na plenitude sem fim. Estamos caminhando para o sábado da eternidade, para a nova Jerusalém, para a casa comum do Céu. Diz-nos Jesus: “Eu renovo todas as coisas” (Ap 21,5). A vida eterna será uma maravilha compartilhada, onde cada criatura, esplendorosamente transformada, ocupará o seu lugar e terá algo para oferecer aos pobres definitivamente libertados.

244. Na expectativa da vida eterna, unimo-nos para tomar a nosso cargo esta casa que nos foi confiada, sabendo que aquilo de bom que há nela será assumido na festa do Céu. Juntamente com todas as criaturas, caminhamos nesta terra à procura de Deus, porque, “se o mundo tem um princípio e foi criado, procura quem o criou, procura quem lhe deu início, aquele que é o seu Criador”. Caminhemos cantando; que as nossas lutas e a nossa preocupação por este planeta não nos tirem a alegria da esperança.

245. Deus, que nos chama a uma generosa entrega e a oferecer-lhe tudo, também nos dá as forças e a luz de que necessitamos para prosseguir. No coração deste mundo, permanece presente o Senhor da vida que tanto nos ama.

Não nos abandona, não nos deixa sozinhos, porque se uniu definitivamente à nossa terra e o seu amor sempre nos leva a encontrar novos caminhos. Que ele seja louvado!

PAPA FRANCISCO, *LAUDATO SI'*

Misericórdia e compaixão na realidade dos hansenianos

Introdução

Cuidar dos descuidados é revelar o rosto de misericórdia do Pai. E cuidar dos “mais descuidados” é uma epifania de misericórdia. A Congregação das Irmãs Franciscanas de São José há 90 anos veio para o Brasil cuidar dos mais descuidados de então: os hansenianos. Por força do próprio Carisma, a misericórdia, centenas de Irmãs viram mãos mutiladas aplaudirem, pelo curativo feito, pelo carinho sem medo, pelo sorriso recebido, pelo bom-dia nas enfermarias.

Os portadores do mal de Hansen têm uma inimaginável trajetória de sofrimentos, preconceitos, discriminações, abandonos, rejeições. São milhares de vidas humanas invisibilizadas. A hanseníase age em silêncio. Atinge o corpo, fere a carne e marca a alma. Até poucos anos atrás, era uma doença que não tinha cura. Hoje se vive uma realidade mais humanizada, porém diversos desafios persistem. Os que foram afetados e tiveram seus membros mutilados continuam internados em hospitais, abandonados ou rejeitados pelas famílias. Os que hoje contraem o mal de Hansen são tratados nos postos de saúde. Afirma-se oficialmente que a doença está sendo erradicada. Instituições¹ não governamentais asseveram que a hanseníase não foi erradicada, que tem crescido em certas regiões do Brasil e do mundo, e que se buscam novas formas de invisibilizar o problema e as pessoas.

Nesta realidade de “cuidar dos descuidados”, a misericórdia e a compaixão assumem identidade, rosto, nome, concretude, corpo ferido.

1. Em Curitiba, a Fundação Pró-Hansen pesquisa a atual situação da hanseníase no Brasil e no mundo, mas o acesso às estatísticas é limitado.

Jesus moveu-se de compaixão (Mc 1,41)

Não é sem razão que Marcos conclui o primeiro dia típico de Jesus (cf. Mc 1,16-39) com um relato em que Jesus “se move de compaixão” diante de um leproso,² hoje um hanseniano (Mc 1,40-45). É por um hanseniano que, pela primeira vez no Evangelho de Marcos, se afirma que Jesus “sente compaixão”.

Olhemos o ontem que muito ilumina o hoje. Um leproso aproxima-se de Jesus. Sabemos que os portadores do mal de Hansen, naquela época, deviam manter-se à parte, fora dos povoados, à margem da convivência social. Sua doença era considerada um castigo divino.³ A presença de um hanseniano ameaçava a vida de um povo e era semelhante a um cadáver que tudo contaminava. Curá-lo era muito difícil. A cura era obra aguardada para os tempos messiânicos.

Ao aproximar-se de Jesus, este enfermo personifica a multidão marginalizada que se move em busca da salvação. Prostra-se, rompe barreiras, revela coragem, reconhece que em Jesus reside o poder divino de purificar. Parece que não se trata de buscar cura física, mas de purificar-se, ou seja, sair da exclusão, da maldição que pesava sobre ele. Em resposta à coragem e ao reconhecimento do leproso, Jesus se sente profundamente solidário.

O v. 41, segundo a crítica textual, tem duas possíveis versões. Ou se trata de “movido de compaixão” ou de “encolerizando-se”. No primeiro caso, Jesus teria experimentado um sentimento de profunda ternura, uma ternura e compaixão que revolvem as entranhas. É uma comoção humana, que chega a ser visceral. Adotando a segunda leitura, “encolerizando-se”, deve-se perguntar qual o motivo da cólera de Jesus. A profunda sensibilidade e compaixão de Jesus para com o leproso leva-o a irar-se contra um sistema excludente e marginalizador, que abandona quem mais necessita de acolhimento. Jesus rompe a Lei, aproxima-se, faz questão de tocar o corpo do leproso, de tornar-se impuro com os impuros, de ser excluído com os excluídos: “já não podia entrar nos povoados” (Mc 1,45). Aproximar-se, tocar

2. Com o termo “lepra” designava-se uma variedade de doenças de pele: sarna, herpes, manchas, vitiligo etc.

3. Cf. Nm 12,12-15; 2Rs 5,7-8; Jô 2,5; 18,13.

no corpo de um impuro, incluir, superar preconceitos é o rosto da misericórdia na realidade dos hansenianos, iniciada por Jesus e que se vai realizando até nossos dias.

“Eu tive misericórdia para com eles”.

Na trajetória da vida de São Francisco de Assis, o “beijo do leproso” constitui um gesto emblemático de seu itinerário de conversão e crescimento espiritual.⁴ No processo formativo de seus primeiros irmãos, todos deviam servir os leprosos pelo amor de Deus.⁵ Uma série de referências poderiam ser indicadas para confirmar que misericórdia e hanseníase ocupam lugar central na vida de Francisco e na origem deste sonho de Assis. No fim de sua vida, quando deixa seu Testamento, registrando o essencial de sua herança, inicia dizendo:

Foi assim que o Senhor me concedeu, Frei Francisco, iniciar uma vida de penitência: como estivesse em pecado, parecia-me deveras insuportável olhar para os leprosos. E o Senhor me conduziu entre eles e eu tive misericórdia para com eles. E enquanto me retirava deles, justamente o que antes me parecia amargo se me converteu em doçura da alma e do corpo. E depois disto demorei só bem pouco e abandonei o mundo.⁶

Como se pode ver, foi no beijo no leproso, no contato direto com estes excluídos, no tocar naquele corpo destruído, que Francisco, assim como Jesus, experimentou o que é “ser misericordioso como o Pai é misericordioso” (Lc 6,36).

Difundir no Universo o Deus da Misericórdia

Era o ano do Senhor de 1867. Uns anos antes, uma jovem religiosa das Irmãs Elisabetinas, Ir. Alphonsa Kuborn, foi enviada para a Bélgica cuidar de doentes afetados pela epidemia conhecida como “cólera morbus”, que, entre 1853 e 1856, atingiu a Europa e boa parte de outros continentes. Ir. Alphonsa foi tão dedicada nesta missão que, cessando a

4. Os biógrafos ressaltam sua natural aversão à simples presença deles e sua atitude de “vencer a si mesmo, beijando-lhe as mãos”. Cf. Tomás de Celano, Vida I, n. 17, Vida II, n. 9, Legenda Maior de São Boaventura n. 5, e outros.

5. Para o cuidado dos leprosos, Francisco abre uma exceção: os irmãos podem receber dinheiro (Regra Não Bulada, 8,12).

6. Testamento de São Francisco, n. 1.

epidemia, autoridades do local a condecoraram com uma medalha de honra ao mérito. Retornando ao seu país de origem, Luxemburgo, trouxe em seu coração a inquietude do cuidado com os descuidados. Sim, em 1867, da Alemanha, vem um pedido para orientar outras senhoras que igualmente queriam ser solidárias com os que mais necessitavam de compaixão. Surge então a Congregação das Irmãs Franciscanas de São José, tendo como nome de fundação “Irmãs da Misericórdia da 3ª Ordem de São Francisco de Assis”. Começaram com um pequeno hospital para “cuidar dos descuidados”. Fazia-se o voto de Misericórdia e o Carisma foi assim formulado: “Difundir no universo o Deus da Misericórdia”. Tão logo iniciaram a obra, a guerra franco-alemã fez de seu pequeno hospital o local de socorro dos feridos de guerra. Soldados alemães e franceses eram socorridos lado a lado e não havia “inimigos de guerra”, pois as mãos cuidadoras reconciliavam a todos.

Neste mesmo contexto, crianças órfãs, viúvas, pobres, famintos, todos e todas clamavam por compaixão e misericórdia. Todos necessitavam de aproximação, de afeto, de terem tocados seus corpos feridos pela guerra, pelo frio, pela fome, pelo abandono. A compaixão era sem tréguas, e a misericórdia não conhecia regras. Aos poucos a Congregação foi se expandindo, inicialmente para a Holanda, e concretizando seu carisma de “difundir no universo o Deus da Misericórdia”.

“Quem vai e quem fica, temos nas mãos o mesmo destino”

Era o ano de 1926. As crônicas da Congregação relatam que “no ano de 1925, as Irmãs da Holanda receberam a visita de um sacerdote franciscano, holandês, missionário no Brasil, que partilhou sobre sua missão no Brasil, especialmente a situação de miséria dos hansenianos, e falou do esforço que o governo estava fazendo para isolar os doentes em leprosários para, de alguma forma, deter a propagação desta perigosa enfermidade”. Assim era então considerada a

hanseníase. Observemos também que a construção do hospital não tinha em vista tratar os doentes em si, mas isolá-los para não “propagar a doença”. Meses mais tarde, a então superiora geral, Madre Casimira Wester, recebeu uma carta do Arcebispo de Curitiba, Dom João Braga, na qual ele comunicava que “o governador do estado do Paraná, Dr. Caetano Munhoz da Rocha, estava solicitando Irmãs para o Leprosário São Roque, ainda em construção, em Piraquara, nas proximidades de Curitiba. S. Exa. apoiava muito o pedido e percebia o pedido como muito importante”.

A notícia foi recebida com grande entusiasmo e foram muitas as Irmãs que se dispuseram a partir para esta missão. Mas só podiam vir oito Irmãs, pois não haveria espaço para mais. Após breve período de preparação, as oito primeiras Irmãs embarcaram. A cronista de então assim registrou a experiência vivida: “quem vai e quem fica, temos nas mãos o mesmo destino”. E no dia 8 de fevereiro de 1926 chegaram as primeiras Irmãs Franciscanas de São José ao Brasil. Foram inicialmente acolhidas pelas Irmãs da Divina Providência e se puseram a aprender o português. No início de outubro de 1926 passaram a residir no Hospital São Roque. A abertura oficial do hospital se deu no dia 20 de outubro. As Irmãs narram que “a chegada dos doentes era sempre maior, de maneira que o governador do Estado se viu logo obrigado a construir mais e mais, e a substituir as construções de madeira por alvenaria e aperfeiçoar as condições higiênicas”. Contavam também que o trem, que ainda hoje passa ao lado do hospital, tinha um vagão reservado para os portadores do mal de Hansen. Chegando à estação, empurravam-nos para fora, nos trilhos, e as Irmãs, com carrinhos de mão, os conduziam para dentro do hospital.

Mais ou menos quinze anos depois, o hospital, já então transformado em “Colônia São Roque”, abrigava mais de 800 internos e eram 14 as Irmãs que trabalhavam no cuidado dos doentes. Vale ressaltar que, além das Irmãs, somente médicos atendiam os hansenianos. Outros serviços eram assumidos pelos próprios internos, orientados pelas Irmãs.

Neste ano de 2016, celebra-se 90 anos do hospital e da presença das Irmãs nesta realidade. Desde o início contou-se também com a presença dos frades franciscanos que, a exemplo de São Francisco, trazem os “leprosos” em seu coração. Frei Rui Depiné lá está há 37 anos. Hoje, com sua saúde já bem fragilizada, continua sendo uma referência ímpar de misericórdia naquela realidade. Solicitamos a ele dar seu testemunho sobre a misericórdia e a compaixão na realidade dos hansenianos. Mesmo resistindo, deixou-nos algumas linhas escritas:

Meu depoimento e conhecimento não são teóricos, mas sim fundamentados nos 37 anos de convivência, de experiência, de contato, de celebrações festivas ou religiosas, de comemorações, de atendimentos, de diálogos com os doentes e seus familiares, com os profissionais da área da saúde, tanto dentro quanto fora do hospital. Por este hospital passaram milhares de pacientes portadores do mal de Hansen. Pessoas vindas de toda parte do Paraná, de estados vizinhos, do Brasil e até mesmo do exterior. Doentes de todas as etnias e condições sociais, de todas as idades, de todas as profissões: bancários, mestres de obras, médicos, sacerdotes, religiosas, pastores, motoristas, pedreiros, camponeses, donas de casa, gente simples e analfabeta, gente da cidade e do interior, pessoas de todos os credos e religiões, doentes de posses e outros muito pobres, chegando aqui caindo de fome e fraqueza, sem nenhuma moeda, sem um pente, sem uma escova de dentes. Chegavam com apenas a roupa do corpo e com sua história de sofrimento. Doentes que se desfizeram de tudo o que possuíam: casa, terras, a safra do ano, a última junta de bois, a última cabeça de gado que sustentava as crianças, tudo para viajar e poder se tratar. Caminhavam por longos quilômetros, vinham nos lombos de animais por mais de quatro horas, para então pegar uma lotação que os deixasse na possibilidade de chegar ao hospital. Outras muitas famílias escondiam seus doentes nos porões das casas para não vê-los sendo capturados pela Saúde Pública ou pela polícia militar. Conviviam sem medo de contágio. Ficavam ali escondidos até a morte. Mas vi também famílias menosprezar os seus doentes, abandoná-los,

colocá-los no hospital e nunca mais visitá-los. Vi famílias mudarem o sobrenome e endereço para nunca mais serem encontradas. Por outro lado, olhemos um pouco para a pessoa do hanseniano: tudo o que ela menos quer é viver de favores, de migalhas, de esmolas. E a vida lhe impôs este fato. Quando você perde as duas mãos e os dois braços, você não perdeu só uma parte do corpo. Você perdeu a capacidade de afagar, de acariciar, de abraçar e de entrar em contato fisicamente com o outro. Dói muito viver assim. Ao longo destes 37 anos também aprendi muitas coisas: eu vi pessoas queimando suas casas com tudo que havia dentro, saindo apenas com a roupa do corpo para não ser foco de contaminação dos outros. Mesmo incendiando a própria casa, perdendo todo o patrimônio, estas pessoas não pensavam só em si, faziam tudo dentro do espírito comunitário com o cuidado de não transmitir a doença a ninguém. Embora seja difícil, muitas famílias aceitam com grandeza de espírito e compartilham suas vidas com quem participa da mesma sorte. Parecem pessoas resignadas com tudo, dedicam-se de corpo e alma ao familiar doente. Muitas famílias foram e são de uma solidariedade extraordinária, marcam presença nas enfermarias e pavilhões. Quase diariamente, nas horas das visitas, trazem comidinha especial caseira, produtos do campo, frutas, doces, pão caseiro, e na hora de ir embora vão com o coração partido.

Para concluir este testemunho não concluído, vou narrar uma experiência vivida pelo próprio Frei Rui, gravada pelo departamento cultural da Rede Globo, sob o título de “O contador de estrelas”, e que bem revela o rosto da misericórdia na realidade dos hansenianos.

Numa noite, em hora já bem avançada, Frei Rui ouviu que alguém batia à porta de sua residência, na área do Hospital São Roque. Temeroso e assustado, primeiro sondou para saber quem era. Poderia ser alguém mal-intencionado. Reconhecendo ser um dos internos da enfermaria da psiquiatria, abriu a porta e perguntou o que queria àquelas horas da noite. O interno pediu que o Frei sáísse para falar com ele. O pedido foi para que ele contasse as estrelas do céu. Frei Rui insistia que voltasse à enfermaria, que logo os plantonistas estariam a sua

procura, mas o visitante repetia que Frei Rui contasse as estrelas. Saindo para o pátio, o Frei propôs que ele ajudasse a contar, que dividiria o céu em duas partes e que cada um contasse uma parte. Em seguida Frei Rui afirmou que já havia contado tudo: a sua e a parte dele. “Já? Eu nem comecei ainda!” Frei Rui, com convicção, afirmou que no céu havia 140 milhões e 120 mil estrelas. O amigo duvidou deste número. Frei Rui confirmou e que ele poderia conferir. Feliz, o enfermo disse: “Tá bom. Eu estou muito feliz porque, pela primeira vez na vida, alguém teve tempo para me dizer o que eu sempre quis saber”. E repetindo o número, voltou para a enfermaria muito satisfeito.

A conclusão de Frei Rui não foi outra senão que este seu visitante noturno não queria saber o número das estrelas do céu, mas, em sua solidão e dor, queria apenas um pouco de atenção. Este é o rosto da misericórdia na realidade dos hansenianos.

Outro testemunho é de Ir. Inês Wiggers, que trabalha no hospital há 35 anos: como viver a misericórdia no cuidado dos hansenianos.

No nosso dia a dia, junto aos leitos dos doentes, percebemos o quanto a misericórdia é a nossa luz no atendimento de cada paciente. É ela que nos ensina a acolher a cada um, a cada uma na sua fragilidade, e a perceber também a mensagem que cada doente nos transmite. Em meio às suas dores, ainda o sorriso ilumina seus rostos desfigurados. Abençoadas as mãos que se estendem, generosamente, para os acolher e consolar. Nos momentos de alegria, mãos, por vezes mutiladas, vibram e aplaudem; quando, porém, a dor e o sofrimento maltratam, as mãos misericordiosas se revelam e, em gestos amorosos de solidariedade, ajudam, consolam, salvam. Assim se vive a misericórdia no cuidado dos hansenianos: em circularidade, em troca, em dar e receber. São atos de doação mútua, de compaixão sincera que tornam o ser humano melhor, digno de ser considerado criatura criada à semelhança de Deus. Divina é a missão de sanar a dor. Com alegria e inspiradas nas atitudes de Jesus Cristo Misericordioso, de São Francisco e Madre Alphonsa, queremos

prosseguir com confiança em nossa missão junto aos doentes, tendo presente que somos chamadas, convocadas e desafiadas a cultivar em nós o “cuidado e a reverência” como modo de ser e de agir da misericórdia junto a nossos irmãos doentes.

A graça do cuidado

A Congregação das Irmãs Franciscanas de São José, que há 90 anos está presente neste hospital, hoje Hospital de Dermatologia São Roque, no ano de 2017 celebra 150 anos de fundação. Precedido por um Triênio Jubilar, neste ano de 2016, numa feliz coincidência com toda a Igreja, o tema das nossas reflexões e celebrações é a misericórdia.

Revisitando a história dos 150 anos da Congregação, percorridos nas trilhas da misericórdia, reconhecemos que recebemos de Deus “A graça do cuidado”. cremos que toda a nossa história é fruto do amor cuidadoso de Deus e que nos deixou a tarefa do cuidado dos mais descuidados. Nossa fundadora compreendeu que a misericórdia e a compaixão se concretizam quando o cuidado acontece. Sem o cuidado não se chega à misericórdia. Cuidar dos descuidados é a sara da misericórdia. Cuidar é dom e é conquista. Na parábola de Lc 10,30-35, o samaritano sabe bem o que é acolher a graça do cuidado: é cuidar do caído à beira do caminho. Há 90 anos era cuidar dos caídos nos trilhos do trem.

Preparando a celebração dos 150 anos de Congregação, comemorando os 90 anos de chegada ao Brasil, considerando a realidade da invisibilização dos hansenianos no contexto atual, nos dias 20 a 23 de outubro deste ano de 2016, a Congregação promove um simpósio nas dependências do próprio Hospital São Roque, sob o tema: *A misericórdia num mundo sem compaixão*. Além da realidade dos hansenianos, o simpósio visa lançar um novo olhar, despertar novas sensibilidades e novas ações para responder ao clamor que brota de tantos cantos da terra, num mundo que sempre mais vai

banindo o cuidado e a compaixão, especialmente com os invisibilizados, os descartados, os que não contam. Queremos reafirmar a urgência de uma cultura de cuidado, compaixão, misericórdia.

IRMÃ ZENILDA LUZIA PETRY
IRMÃ DA CONGREGAÇÃO FILHAS DE SÃO JOSÉ (IFSJ)
E MEMBRO DA EQUIPE INTERDISCIPLINAR DA CRB

Servo de Deus Pe. Ezequiel Ramin

Martirizado por buscar justiça e paz

Desde abril de 2016, a Igreja está realizando o Inquérito Diocesano sobre a vida e o martírio do Servo de Deus Pe. Ezequiel Ramin, missionário comboniano, assassinado em 1985, em Rondolândia (MT), cuja região pertencia antigamente à área pastoral da paróquia de Cacoal (RO). Trata-se de uma ação formal da Igreja, com prévia autorização da Congregação para a Causa dos Santos, com vistas a que seja reconhecido mártir.

A beleza e o compromisso da vida missionária do Pe. Ezequiel são revelados ao escutarmos, em especial, os indígenas e as famílias pobres da região, que migraram à Rondônia na década de 1970 e 1980, procedentes de diversas partes do Brasil, em busca de terra e de oportunidade para construir suas vidas. Surpreende-nos constatar que o pouco tempo que pôde estar em Rondônia, um ano e um mês, foi suficiente para conquistar os seus corações. Mesmo tendo passado 31 anos desde que foi morto, o Pe. Ezequiel continua a ser lembrado e invocado pelos mais pobres, que destacam como suas virtudes a alegria, a simplicidade e, sobretudo, o amor, a ponto de entregar a própria vida pelo irmão. Este inquérito tem mostrado que a alegria do Evangelho, vivida com compromisso por justiça e por vida digna para todos, esteve presente no coração e na vida missionária do Pe. Ezequiel, que viu nos rostos dos pobres o rosto de Cristo.

O Pe. Ezequiel nasceu em Pádua, Itália, em 1953. Ainda jovem, decidiu dedicar a sua vida aos mais pobres e necessitados como missionário além-fronteiras. Foi ordenado sacerdote em 1980 e, aos 30 anos, foi enviado em missão ao

Brasil. Antes de partir, expressou a sua alegria de sair em missão: “Ainda não sei aonde irei, porém estou contente com o fato de partir. É uma coisa mais forte do que eu”. Depois de realizar um curso de português e inculturação em Brasília, foi destinado a Cacoal, Rondônia.

Ao chegar, encontrou uma Igreja que, iluminada pelo Vaticano II e as Conferências Latino-americanas de Medellín (1968) e Puebla (1979), havia assumido a opção pelos pobres, caminhava com o povo na busca de justiça e libertação, comprometia-se com a justiça e as questões sociais. Encontrou um modelo de Igreja que apostava nas pequenas comunidades de base (CEBs) e favorecia o protagonismo dos leigos, através da formação e do espaço que lhes era confiado. Cheio de entusiasmo e de ardor missionário, entrou em comunhão com esta Igreja local, que tinha como bispo Dom Antônio Possamai e contava com muitos missionários combonianos, irmãs combonianas e leigos comprometidos.

Ao mesmo tempo, o Pe. Ezequiel inseriu-se na dura realidade do povo de Rondônia dos anos 1980. Era tempo de fortes migrações. Os indígenas estavam perdendo suas terras e morriam pelas doenças. Milhares de famílias de imigrantes chegavam iludidas em busca de terra, mas já não a encontravam, e tinham que trabalhar como meeiros. Fazendeiros se apropriavam de grandes extensões de terras por meio da grilagem e do uso da violência através de pistoleiros.

Naquele tempo, era muito comum a pistolagem. Matar gente, para alguns, havia se tornado uma profissão que rendia uma diária maior do que o trabalho do campo. Os pistoleiros eram contratados, de maneira sigilosa, entre os próprios migrantes. Portanto, podemos afirmar que os poderosos usavam os pobres para matar os mesmos pobres, a fim de manter seus interesses egoístas e gananciosos de acumular terras e criar fazendas.

Diante dessa realidade, o Pe. Ezequiel colocou-se corajosamente em defesa dos indígenas, ajudando-os a demarcarem as suas terras, e dos agricultores pobres, na luta pelo direito à terra e à vida digna. Em várias ocasiões, tratou publicamente desses assuntos, como quando falou: “o meu

trabalho aqui é de anúncio e denúncia. Não poderia ser diferente considerando a situação do povo. Precisamos apoiar bastante os movimentos populares e as associações sindicais. A fé precisa caminhar junto com a vida...”.

Esta postura lhe trouxe a estima dos pobres, mas o rechaço daqueles que achavam que padre não pode se comprometer nas questões sociopolíticas e ambientais, e deve restringir seu ministério aos sacramentos. Em especial, despertou a ira dos fazendeiros e poderosos.

Logo chegaram as ameaças e as perseguições. Porém, o Pe. Ezequiel manteve-se fiel até o fim. Como Jesus, ofereceu a Deus e ao povo a sua vida, e também a sua morte. Ele mesmo falou em uma das missas: “Não aprovamos a violência, embora recebamos violência. O padre que está falando, recebeu ameaças de morte. Querido irmão, se a minha vida lhe pertence, a minha morte também lhe pertencerá”. E assim aconteceu...

No dia 24 de julho de 1985, o Servo de Deus Pe. Ezequiel Ramin, aos 32 anos de idade, foi brutalmente assassinado quando voltava de uma missão de paz. Havia ido tentar convencer um grupo de trabalhadores rurais sem-terra, a pedido das suas esposas, para que deixasse a área da Fazenda Catuva, onde estavam marcando posses, pois corriam risco de morte pela presença de pistoleiros. Ao regressar, foi pego de surpresa pelos pistoleiros a mando de fazendeiros. Seu corpo recebeu muitos tiros. Seu rosto ficou desfigurado pelas balas. Sua camisa ensanguentada e cheia de furos permanece até hoje em Cacoal como sinal do seu martírio. Os mandantes do crime nunca foram presos, como ocorre frequentemente quando os acusados são ricos e poderosos.

O Pe. Ezequiel nos deixa o testemunho de que ser cristãos de verdade significa nos comprometer com a libertação do pecado estrutural, que faz o mundo tão desigual, onde há milhões de pessoas que morrem de fome, enquanto alguns poucos concentram a maior parte da riqueza do mundo, sem saber como gastar tanto dinheiro, muitas vezes conseguido por meios ilícitos, exploração das pessoas, manipulação da economia, corrupção e destruição da natureza.

Assim como tantos outros mártires, o Pe. Ezequiel se tornou semente de novos cristãos. Seu martírio nos inspira a sair de nós mesmos e a sonhar um mundo novo, onde todos possamos ser felizes e solidários, em harmonia com toda a Criação. A sua vida missionária é exemplo para toda a Igreja que deseja ser uma “Igreja em saída”, como nos pede o Papa Francisco.

Os esforços para sua beatificação se tornam plausíveis, justamente, pelo fato de que o seu reconhecimento como mártir pela Igreja trará à tona e confirmará o modelo de santidade e de ser Igreja próprios da caminhada latino-americana, cujos parâmetros é a missão, a opção pelos pobres, a transformação da realidade e a espiritualidade encarnada em que se une fé e vida.

Gostaria de finalizar este relato e reflexão da vida e do martírio do Pe. Ezequiel citando um trecho da carta de um bispo da região amazônica que nos surpreendeu e comoveu: “A Igreja necessita de exemplos e intercessores. O martírio do Pe. Ezequiel Ramin o torna modelo de cristão a ser seguido e seria bom podermos invocá-lo na liturgia. Faça votos de que esta causa vá adiante e um dia o seu nome seja inscrito na lista dos mártires. Assim também se fará justiça à multidão de missionários e missionárias que deram a vida pelo Reino na Amazônia”.

PE. RAFAEL GEMELLI VIGOLO
MISSIONÁRIO COMBONIANO

Vivendo a intercongregacionalidade

Comunidade Intercongregacional Nazaré
Porto Príncipe, Haiti

O Haiti nos congregou. O clamor dos pobres nos uniu, a intercongregacionalidade nos conduziu, como ramos de uma mesma vinha, ao serviço solidário através da comunhão dos nossos carismas.

Na comunidade intercongregacional, nossos carismas vêm se fazendo mais vida através da comunhão e da solidariedade. A unidade e a comunhão vêm se integrando na pluralidade.

Fazemos a experiência gratificante e enriquecedora da fusão dos carismas na nossa vida comunitária. Vivemos em comunhão e coparticipação entre nós. No cotidiano vivenciamos momentos significativos e frutíferos de proximidade fraterna de comunhão, partilha da vida e dos sonhos, partilha da fé, colaboração.

Estamos unidas pela relação espiritual e pela mútua colaboração entre nossas congregações. Vivemos o seguimento de Cristo através do mesmo compromisso: escutar a Deus onde a vida clama e buscar juntas, a partir dos nossos carismas pessoais e congregacionais, responder os desafios da realidade, que não cessam de nos interpelar.

A intercongregacionalidade nos dá certeza de um caminho possível. É possível buscar juntas novas maneiras de viver a unidade, sem temer a diversidade, apoiando-nos, criando, recriando no que nos une profundamente: a paixão pelo Reino na opção preferencial pelos excluídos.

Integrar a comunidade intercongregacional me impulsionou à fidelidade ao projeto de Deus através da vivência dinâmica

da aceitação do diferente. Como Missionária de Jesus Crucificado, vivencio a alegria de juntas ir à busca dos mais necessitados desde vários carismas. Essa pluralidade me levou a identificar e conhecer os diferentes rostos de Jesus, e ao amor aos mais pobres de forma incondicional.

Para fortalecer o nosso ser missionário intercongregacional, apoiamo-nos na Palavra rezada e internalizada. Também na vida comunitária, como suporte para superar os desafios. Buscamos também abrir-nos para acolher e respeitar o novo que escolhemos viver, com suas luzes e sombras.

Como mulher consagrada e missionária, escolhi o ser humano como prioridade, em correspondência com o carisma da minha Congregação, que tem como finalidade escutar a Deus na periferia do mundo onde a vida clama, reclama, vivenciando com fé, ternura e ousadia a trajetória humana na partilha do carisma, fazendo acontecer as relações tecidas por amor, respeito e solidariedade; sair do meu país de origem para, a exemplo do Cristo missionário, partilhar a vida e o serviço em terras longínquas. Sozinhas somos incapazes de responder a Deus onde a vida clama.

A experiência na intercongregacionalidade me levou a nascer de novo cada dia, desconstruindo os saberes e experiências adquiridos para construí-los a partir da fusão dos nossos carismas, numa atitude constante de respeito e aceitação do diferente. A minha vida como pessoa, como mulher consagrada, expandiu-se. Tenho hoje um olhar mais abrangente e circular, mais humano, com maior sentido de pertença a minha congregação. Sou grata a Deus e à comunidade intercongregacional pelo discipulado.

(Vejam como elas se amam e como esse amor se transforma em vida na acolhida dos mais pobres...)

IRMÃ ROSANGELA FERREIRA
MISSIONÁRIA DE JESUS CRUCIFICADO

Qualidades de fé

FREI BETTO

A fé é a adesão da inteligência ao mistério, a algo ou alguém que se pode *sentir* sem, no entanto, provar. Não é irracional, é superrracional.

Em toda relação amorosa a fé é o vínculo que une. Não há equação que convença João de que seu amor por Maria é cientificamente equivocado. Ou vice-versa. Um confia (com fé) no outro.

Marx, Freud e tantos pensadores tentaram nos convencer de que a fé é uma ilusão ou alienação. Projeta-se no Céu o que se desejaria desfrutar na Terra. Nenhum dos dois conheceu a fé libertadora manifestada, hoje, pelo Papa Francisco.

O Iluminismo confinou as convicções na razão e, assim, desencantou o mundo, como frisou Max Weber. “A razão é a imperfeição da inteligência”, proclamava meu confrade Tomás de Aquino.

Há muitas qualidades de fé. Paulo Patarra, militante comunista e meu chefe na revista *Realidade*, se queixava de que Deus não o havia provido de fé. Professava o salmo às avessas.

Alberto Schweitzer, ao duvidar da divindade de Jesus, abraçou radicalmente a ética do Nazareno e abandonou a filosofia, a teologia e a música para cuidar, na África, de doentes pobres.

Jung, na contramão de Freud, afirmava: “não preciso acreditar. Eu sei”. Ecoou a profissão de fé de Jó, o mais enigmático crente de toda a Bíblia: “Antes eu só te conhecia de ouvir falar, mas agora meus olhos te viram”.

* **Frei Betto**, escritor, é autor de *Um Deus muito humano: um novo olhar sobre Jesus* (Fontanar), entre outros livros.

Jó foi desafiado a mostrar sua fé em um Deus que o privava do que ele mais amava. Mergulhou na “noite escura”, mais tarde cantada por João da Cruz. E confiou (com fé), até que a aurora irrompeu.

O amálgama entre Ocidente e cristianismo banalizou a opção de fé. Rara a Igreja que proporciona a seus fiéis educação da fé conforme as idades infantil, jovem e adulta. Muitos cristãos adultos vestem a calça curta da fé. Guardam a mesma fé da catequese infantil.

Outros abdicam do senso crítico para aderir, como cordeiros a serem tosquiados, à palavra do bispo ou pastor. Confundem autoridade e verdade.

É triste constatar que muitos políticos corruptos, e profissionais indiferentes aos direitos dos pobres, são ex-alunos de colégios e universidades católicos. É de se perguntar: escolas confessionais ou meras empresas de formação de mão de obra qualificada para o mercado? Qual a qualidade da evangelização feita por instituições cristãs?

Fé em Jesus é fácil. Embora poucos se interessem em estudar os Evangelhos e o contexto em que viveu Jesus para melhor entender a sua proposta.

O desafio é ter a fé de Jesus. Fé que identificava Deus com o Pai amoroso, reconhecia-o na face dos pobres, denunciava fundamentalistas e opressores, centralizava-se na justiça e no amor.

Será que nós, cristãos, cremos no mesmo Deus de Jesus?

A misericórdia de Deus diante da morte

* **José Carlos**

Pereira é padre passionista, teólogo pastoralista, com doutorado em Sociologia e pós-doutorado em Antropologia Social. É autor de mais de 60 livros, em diversas áreas. É membro do Núcleo de Estudos de Religião e Sociedade (NURES), do Programa de pós-graduação em Ciências Sociais da PUC/SP; é articulista da Revista *Paróquias & Casas Religiosas*, da qual também faz parte do Conselho de Conteúdo, e participou das pesquisas do CERIS (Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais), fazendo a análise sociológica das suas últimas pesquisas sobre a realidade do clero brasileiro. É assessor do CCM (Centro Cultural Missionário), de Brasília/DF, organismo da CNBB, e presta assessoria e consultoria para Congregações Religiosas, dioceses e paróquias do Brasil. **Endereço do autor:** Av. Dr. Carlos Botelho, 2371 – CEP 13560-251 – São Carlos/SP. Tel.: (16)3371-2226. Cel.: (16)98818-0638. **E-mail do autor:** cpzeca@uol.com.br.

PE. JOSÉ CARLOS PEREIRA*

Introdução

São diversas as passagens bíblicas que revelam o rosto misericordioso de Deus diante da morte. Seleccionamos aqui algumas para tratar do tema da morte, tendo como pano de fundo a misericórdia de Deus nas situações mais extremas da vida. Deus que se compadece de nossas fraquezas, de nossas dores e das nossas limitações, e nos devolve a vida.

Assim, tratar do tema da morte e da misericórdia de Deus não é tratar de temas conflitantes ou contraditórios, mas sim de temas correlatos que revelam um Deus que é infinitamente coerente e misericordioso, sobretudo nos momentos mais difíceis de nossa vida, quando lidamos com situações que envolvem a morte. Seja a morte de nossos entes queridos; seja a nossa própria morte, quando ela se aproxima e temos consciência disso; seja a morte vinda em pequenas doses diárias, nos acontecimentos que ferem a vida e a diminuem.

Porém, falar da morte não é algo tão simples ou fácil como parece. Mais difícil ainda é pensar na morte, pensar que um dia vamos deixar este mundo e partir para o desconhecido, onde somente Deus tem acesso, e não sabemos o que nos espera, ou se algo nos espera. Nossa esperança é a crença de que além deste mundo há algo melhor nos esperando, “pois, se a nossa esperança em Cristo é somente para esta vida, nós somos os mais infelizes de todos os homens”, diz São Paulo, apóstolo, na primeira Carta aos Coríntios (15,19). Assim,

tratar da morte e da misericórdia de Deus é buscar compreender seu infinito amor por nós.

À vista disso, trataremos em primeiro lugar, nesta reflexão, do medo da morte, que é o medo do qual derivam todos os outros medos. Não obstante esse medo, precisamos lidar com ele e com as situações que envolvem a morte. Como lidamos com a morte? Como confortamos as pessoas que perderam seus entes queridos? Como e quando fomos ou somos confortados nas situações que a morte se acerca de nós? Buscaremos responder a estas questões ao tratar da nossa relação com os que partiram, sobretudo no dia dedicado a eles, o dos mortos, ou dia de finados. Veremos também como lidamos com a morte no dia a dia da nossa vida, quando vamos a velórios de pessoas conhecidas, ou quando perdemos familiares, parentes ou amigos.

Trataremos também da morte e do desejo de eternidade que habita em cada um de nós, algo que parece paradoxal, mas que nos fortalece para enfrentarmos a morte e vê-la, como dizia São Francisco de Assis, como “irmã”, parceira, e não inimiga da vida. Assim, a morte será tratada como Páscoa, passagem para a eternidade.

Veremos ainda a compaixão como sinônimo de misericórdia. Ou seja, momentos e situações em que Jesus, diante de pessoas que viveram a morte na família ou que estiveram diante da morte, se compadeceu delas e mostrou-lhes que ele é a ressurreição e a vida, e que através da compaixão e de obras de misericórdia podemos diminuir ou dirimir a morte sem prejuízos para a vida.

Por fim, enfocaremos a morte e a ressurreição como duas faces da mesma vida, algo que nos conforta e nos enche de esperança. Desse modo, vamos descobrindo o rosto misericordioso de Deus, do seu Filho Jesus e de todos os que se compadecem daqueles que sofrem e que, por se compadecerem, revelam em si, e nos seus atos, o rosto misericordioso de Deus.

O medo da morte

O medo é algo que nos paralisa. Se não impede, dificulta as nossas ações. E eles, os medos, são muitos na nossa vida, mas o maior de todos talvez seja o medo da morte. Dela derivam todos os medos; a morte é a mãe de todos os medos. O medo da morte literal e todas as outras formas de morte.

O medo acarreta muitas preocupações: nós nos preocupamos com a vida, como, por exemplo, com o que haveremos de vestir, de comer ou beber (Mt 6,25). Nós nos preocupamos com aquilo que os outros pensam de nós (Jr 20,10); nós nos preocupamos com a nossa aparência (Mt 6,28-29); nós nos preocupamos com tantas coisas que no fundo nada mais são do que sinais de que nossa confiança em Deus não anda lá essas coisas (Sl 27). Esquecemos ou não ouvimos Deus que nos diz: “não vos preocupeis...” (Mt 6,25). Não devemos nos preocupar porque ele é misericórdia e providência na nossa vida, e quando nos preocupamos em demasia com as coisas deste mundo, mostramos que não confiamos que ele está no comando de tudo. Nada acontece sem que ele queira ou saiba (Mt 10,30).

Temos, sim, muitas razões para ter medo, mas elas não podem dominar a nossa vida, senão ficamos refém do medo, e não é isso que Deus quer de nós, pois a estratégia dos inimigos de Deus é desencadear o medo (Jr 20,10). Os profetas se tornaram grandes diante de Deus porque souberam dominar o medo e enfrentar as situações ameaçadoras. Jeremias, por exemplo, se viu cercado de injustiças, de calúnias, de pessoas que o difamavam, espalhando o medo ao seu redor, para ver se ele se calava, mas ele confiava ainda mais. Sabia que Deus estava do seu lado como forte guerreiro, por isso sabia também que, aqueles que o perseguiram, cairiam vencidos e se cobririam de vergonha (Jr 20,10-13). Ele não tinha medo não porque era louco ou desajuizado, mas porque confiava e se deixava guiar por Deus e pela justiça. Quem não deve, não teme, diz um dito popular.

Quem confia, nada teme e segue adiante, de cabeça erguida, pois sabe que aos olhos de Deus nada passa despercebido,

pois não há nada de encoberto que não seja revelado e nada de escondido que não seja conhecido. Por isso ele diz: “não tendes medo” (Mt 10,26). O medo da morte se torna irrelevante quando confiamos plenamente em Deus, porque sabemos que tudo pertence a ele, inclusive a nossa vida, e nenhum fio de cabelo cai de nossa cabeça sem o consentimento dele, quanto mais uma vida.

Assim, ele diz insistentemente para que não tenhamos medo, mas nem sempre isso nos soa seguro. Basta que alguma situação obscura apareça e lá estamos nós, morrendo de medo. Que fé é essa que nos deixa dominados pelo medo? Nada é maior que Deus. Se confiamos na sua grandeza e no seu amor por nós, e andamos no caminho do bem, do amor e da justiça, não há por que temer.

Valemos muito para Deus, muito mais que muitos pagãos (Mt 10,31). Portanto, basta que declaremos a favor dele, com nossos pensamentos, palavra e ações, que ele se declarará em nosso favor diante de qualquer situação, sobretudo daquelas que nos amedrontam.

A nossa relação com os que partiram deste mundo

Visitar o cemitério de vez em quando é bom para dissipar nosso orgulho ou a nossa arrogância, disse certa vez o Papa Francisco. Ali vemos que não somos melhores que ninguém. O fim é igual para todos. Mesmo que nos cemitérios existam belos jazigos, dentro deles há ossos iguais aos dos túmulos humildes, ou dos que nem túmulos têm.

Aqui neste mundo fazemos a diferença, e não nos cemitérios. Portanto, que a diferença seja feita com amor e misericórdia enquanto estamos vivos. Ame os seus enquanto eles estiverem por aqui, porque, depois da morte, amá-los não irá trazê-los de volta. Além disso, quem ama neste mundo, amará os seus entes queridos em qualquer dimensão, inclusive quando eles deixarem este mundo. Quem não soube amar os seus enquanto eles estiveram por aqui, não os amará

depois, mesmo que depois reconheça seus valores, mesmo que leve flores aos seus túmulos, mesmo que se arrependa e chore as perdas.

Depois que as pessoas morrem, mesmo que você leve as flores mais belas aos seus túmulos, elas não têm o poder de dizer o quanto você as ama. Diga isso enquanto as pessoas vivem. Mostre isso com gestos concretos. Dê flores para os que você ama enquanto vivem. Dê o perdão àqueles que você ainda não ama o suficiente, ou mesmo para aqueles que você tem mágoas. Seja uma pessoa misericordiosa. Ame incondicionalmente nesta vida para que a outra lhe seja garantida. É esse amor que abre as portas do céu.

Se assim proceder, você se sentirá leve no dia de finados, e nos outros dias do ano, porque fez o melhor que pôde para aquela pessoa, pois não há presente maior que o amor. Podemos ser neste mundo a pessoa mais importante, ter todos os bens, todos os títulos, todos os cargos, tudo o que desejamos, mas, se não tivermos amor e misericórdia, seremos como sinos ruidosos, ou pior, não seremos nada, como diz a Carta de São Paulo aos Coríntios (1Cor 13,1-13).

Quem ama mostra paciência com a pessoa amada; quem ama ajuda, é solidário, é prestativo, isto é, quem ama presta para a outra pessoa, ou para as outras pessoas. Aí sim as flores e as lágrimas serão flores e lágrimas de um coração que amou e continua amando. E aquela pessoa continuará existindo enquanto você se lembrar dela, porque o que eterniza uma pessoa é a lembrança que dela guardamos, e se guardamos boas lembranças, essa eternidade será uma amostra do paraíso.

Enquanto alguém viver em nossas lembranças, esse alguém continuará existindo. As pessoas são eternas enquanto durarem as nossas lembranças. Quando se apagam as lembranças daquela pessoa, ela deixará de existir para nós. E para isso não precisa morrer literalmente. Há muitos vivos mortos e muitos mortos vivos. Os vivos mortos são os que estão em vida esquecidos. Os mortos vivos são os que mesmo depois de terem morrido continuam na lembrança de alguém porque esse alguém os amou e continua a amar.

Então, não perca mais tempo. Hoje é um ótimo dia para você começar a dizer às pessoas que as ama. Não precisa ser por palavras, pode ser com flores, com elogios, com um telefonema, com uma mensagem, ou com um convite para passear, ou da maneira que você achar melhor. Enfim, há tantos jeitos de dizer às pessoas que as amamos. Encontre o seu jeito e diga ainda hoje que as ama, porque amanhã pode ser tarde demais.

Se você está lendo este texto é porque ainda pertence a este mundo e, se está aqui, dê o melhor de si, faça valer a sua existência. Não viva uma vida pela metade, viva plenamente. Jesus disse: “Eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em plenitude” (Jo 10,10). Uma vida vivida pela metade ou sem qualidade não vale a pena ser vivida. Devemos nos esforçar ao máximo para que esta vida seja vivida na sua plenitude. Aproveitar cada momento com os nossos semelhantes, oferecendo o que temos de melhor, que é o nosso amor, faz a vida ser plena neste e no outro mundo. Assim revelamos já aqui neste mundo um pedacinho do céu. Revelamos em nós a face de Jesus misericordioso, pois ele é amor e misericórdia.

A morte e o desejo de eternidade

No dia de finados muitos se reúnem nos cemitérios para fazer memória dos seus entes queridos, pessoas que passaram pelas suas vidas e que, de alguma maneira, deixaram marcas. Esse dia não é para chorar os mortos, mas recordar com alegria deles, na certeza de que estão na eternidade, junto de Deus. É esta esperança que nos conforta e nos anima a continuar nossa missão neste mundo, procurando ser melhor cada dia.

Assim, celebrar o dia dos mortos é uma ótima ocasião para refletir sobre a vida, ou melhor, sobre a brevidade da vida. Nossa passagem por este mundo é muito curta comparada à eternidade. Assim sendo, resta-nos aproveitar este nosso curto espaço de tempo para vivermos da melhor maneira, sem perder tempo com tristezas, desentendimentos,

desavenças e outros aborrecimentos que fazem a nossa vida perder qualidade.

Vimos a este mundo para viver em plenitude, e viver em plenitude é viver bem no sentido teológico do termo. Que todos vivam bem e não apenas alguns. Nisto consiste a nossa missão: construir um mundo onde todos possam viver em plenitude, viver bem. Somente cumpriremos esta missão se nos comprometermos com a vida, nos empenharmos na promoção de um mundo melhor. Quem já partiu deste mundo, já cumpriu sua missão, mas nós, que ainda estamos aqui, temos muito a fazer. Cabe, portanto, perguntar: o que eu fiz para o mundo ser melhor? O que eu ainda posso fazer? O que eu tenho feito para que a vida de meu semelhante seja plena? Tenho amado a todos? Tenho vivido com alegria, valorizando a vida, respeitando-a em todas as suas esferas? Tenho sido misericordioso e complacente com as fraquezas alheias?

Ainda há tempo para fazermos esses e outros questionamentos, e assim tornar a vida ainda melhor, porque não sabemos a que hora seremos chamados deste mundo. O que sabemos é que em algum momento seremos chamados para prestar contas a Deus. A única certeza que temos neste mundo é esta: um dia morreremos. Tudo na vida é incerto, mas a morte é certa. Tão certa como o ar que respiramos, mas às vezes vivemos como se fôssemos eternos. Sim, somos eternos, mas não neste mundo. A eternidade é numa outra dimensão. Aqui apenas nos preparamos para a eternidade de Deus.

Por falar em eternidade, todos trazemos dentro de nós o desejo de eternidade. Tudo o que fazemos é para que algo de nós permaneça, fique para sempre. É uma amostra que Deus nos dá do infinito, da sua eternidade. No livro de Jó (19,1.23-27) encontramos manifesto o seu desejo de eternidade. Jó deseja que suas palavras fiquem escritas, gravadas numa inscrição com ponteiros de ferro e com chumbo, na rocha, para sempre. É uma das expressões mais contundentes do desejo de eternidade do ser humano. Nós nos eternizamos neste mundo pelas coisas boas que fazemos. O que

fica é o bem que se pratica, o resto é descartável, principalmente bens materiais. Assim, o desejo de Jó é também nosso desejo, mas, às vezes, manifestamos de forma errada o desejo de não sermos esquecidos e acabamos deixando marcas negativas. É bom refletir sobre isso.

Jó fala também da alegria do encontro com Deus que a morte proporciona. Saber que veremos a Deus face a face nos encoraja para passarmos pelo túnel da morte. Lá, do outro lado, encontraremos com Deus, que reservou para nós um lugar ao seu lado. Lá o veremos com nossos próprios olhos e não por ouvir dizer. Essa é a nossa esperança enquanto cristãos. E esta esperança não nos decepciona, diz o apóstolo Paulo (Rm 5,5-11).

A esperança de encontrar com Deus, de viver eternamente ao seu lado, de não precisar mais passar pela morte, tudo isso nos ajuda a viver melhor neste mundo e a buscar uma vida com mais qualidade, amando sempre os nossos semelhantes como a nós mesmos e tendo obras de misericórdia. O que as pessoas precisam de nós é que as amemos aqui neste mundo. Depois, qualquer homenagem não as atingirá, porque estarão numa dimensão inatingível. Portanto, tudo o que pudermos fazer pelos irmãos, que o façamos aqui neste mundo, porque depois eles não precisarão mais de nós, nem das nossas orações, nem das nossas lágrimas, nem das nossas flores. Deus cuidará deles e quem tem Deus ao seu lado não precisa de mais nada. Com esta certeza poderemos redimensionar a nossa vida neste mundo e as nossas relações, vivendo conforme Jesus nos ensinou.

Jesus nos diz: “Todos os que o Pai me confia virão a mim, e, quando vierem, não os afastarei” (Jo 6,37-40). Temos fé e confiança que Deus acolhe junto dele todos os que partiram deste mundo. Foi para isso que Jesus veio e habitou entre nós, para nos redimir dos nossos pecados e nos aproximar de Deus, através dele. Ele é a nossa esperança. Deus não quer que ninguém se desvie do caminho, ou que se perca. Assim sendo, vivamos na alegria e na esperança desse amor de Deus por nós e, quando chegar também a nossa hora,

estaremos prontos para encontrar com ele e viver eternamente ao seu lado, como os nossos entes queridos.

Quando assim vivermos, não temeremos mais a morte, mas a veremos como viu São Francisco, como uma irmã que nos toma pela mão e nos conduz ao Pai. Ou, então, como canta o Salmo 26/27: “O Senhor é minha luz e salvação; de quem eu terei medo?”. Ele nos fará habitar no seu santuário para sempre e ali saborear eternamente a sua suavidade, contemplando-o no seu templo. Que esta confiança nos faça cada vez melhor, ao ponto de atingirmos um grau de santidade que nos torne dignos de contemplá-lo face a face na sua glória eterna.

Compaixão: a misericórdia diante das situações de morte

A compaixão é a palavra-chave que nos liga a Deus e abre as portas do céu. Compaixão significa sofrer com aqueles que sofrem, ou seja, é sentir a dor do outro. Por essa razão, a compaixão é um sentimento diferente do sentimento de pena; ela é um sentimento divino. A pena é um sentimento mesquinho, pois vemos o outro sofrer, mas não movemos um dedo sequer para diminuí-la ou erradicá-la. Infelizmente, a pena é o sentimento que predomina no mundo em vez da compaixão. São muitos os que veem o sofrimento dos seus semelhantes, as agruras por que passam muitas pessoas nas filas dos hospitais, na busca de emprego, ou com a falta de alimento, de moradia e outras necessidades básicas, e dizem apenas “que pena”, mas não se mexem para ajudar a solucionar o problema. Nesse caso, aquela dor não é sua dor, é apenas a dor dos outros e a dor dos outros não os atinge.

Alguns chegam mesmo a culpá-los pelas suas misérias e pelas suas dores, achando que estão pagando por algum erro cometido, ou que são merecedores de tais situações. Era essa a mentalidade que predominava nos tempos do profeta Elias (1Rs 17,17-24), na expressão da viúva quando seu filho morre na presença dele. O sentimento de pena não ajuda em nada, pelo contrário, humilha ainda mais aqueles que

passam necessidade. Já a compaixão é um sentimento nobre, divino, e são poucos os que a sentem. A compaixão é um sentimento que nos aproxima de Deus, pois somente quem é de Deus sente compaixão. Podemos afirmar então que a compaixão é um atributo divino e somente quem é verdadeiramente convertido a Deus traz em si esse sentimento. A pessoa que sente compaixão não se conforma com a dor do outro, por mais que pareça impossível solucionar o problema. Quando a dor do outro dói em mim, eu vou buscar um jeito de dirimi-la. Ninguém gosta de sentir dor, ninguém fica acomodado quando sente alguma dor. Assim nos faz sentir o sentimento de compaixão. Quem sente compaixão, ao ver alguém sofrendo, passa a sentir a dor daquela pessoa. Assim sendo, o caminho é buscar alguma forma de ajudar.

Desse modo, as pessoas de Deus são movidas pela compaixão e pela misericórdia. Foi movido pela compaixão que Elias dissipou a pena que sentia e se esforçou para devolver a vida ao filho da viúva de Sarepta. Foi movido pela compaixão que Paulo apóstolo dedicou a sua vida no anúncio da Palavra, e foi pela compaixão que Jesus devolveu a vida ao filho da viúva de Naim. Foi também pela compaixão que muitas pessoas deram e dão a vida por uma causa; é pela compaixão que muitos renunciam ao conforto de seus lares e se lançam em missão, em terras desconhecidas, onde há sofredores; é pela compaixão que pais e mães passam noites acordados cuidando dos seus filhos doentes, ou com alguma necessidade especial; é pela compaixão que Jesus deu a vida por nós. Desse modo, compaixão é sinônimo de amor verdadeiro, gratuito, amor sem medidas, sem limites. É desse amor que nos falam as pessoas misericordiosas.

Encontramos no primeiro livro dos Reis (17,17-24) e no Evangelho (Lc 7,11-17) uma situação similar. Ambos mostram viúvas que perdem a sua maior ou única riqueza, o seu filho único. Ambas as leituras colocam diante dessas duas viúvas a presença de Deus: na primeira, o profeta Elias, portador de Deus; no Evangelho, Jesus, o próprio Deus feito homem que veio visitar seu povo. Ambos são movidos pela

compaixão e pela misericórdia. Ambos se desdobram para reverter aquela situação de dor por que sentiram compaixão.

Vemos que o profeta Elias, “homem de Deus”, é figura importante e fundamental para mudar a situação de sofrimento e morte daquela viúva. Ele recebe guarida na casa daquela que era símbolo dos pobres, dos marginalizados, dos que vivem situações de extrema miserabilidade. A mulher mal tinha o que comer, mas mesmo assim acolhe Elias e oferece tudo o que tinha. Ela partilha do seu alimento e da sua vida. Assim, Elias não entra apenas na casa da viúva, ele entra na sua vida, ele conhece suas misérias e também suas riquezas.

A miséria consiste na pobreza em que ela vivia com seu filho único, privada dos bens elementares; a riqueza estava em seu coração, na sua bondade em acolher e partilhar, na misericórdia que brotava de um coração humilde. Apesar de todas as suas carências, ela dá abrigo a um desconhecido e oferece tudo o que tinha. Porém, não bastasse tudo isso, recaí sobre essa mulher uma dor ainda maior. Seu filho único, o seu bem mais precioso, morre. Elias presencia essa dor, pois está ali, hospedado em sua casa e fazendo parte de sua vida. Diante desse quadro, Elias se compadece. A dor daquela mulher passa a ser a dor de Elias. Ele clama a Deus para ajudá-lo a ajudar aquela mulher. A mulher entra em desespero e acha que o culpado é Elias, representante de Deus, que veio até sua casa para escancarar seus pecados e, por isso, ela estava sendo punida com a dor maior que alguém pode sentir.

Havia naquela época (e ainda hoje) a mentalidade de que o sofrimento era punição dos pecados cometidos. Elias, porém, não se conforma. Como pode uma pessoa tão boa sofrer tanto? Às vezes também associamos sofrimento com pecados ou com maldades cometidas, pois nos surpreendemos quando pessoas boas passam por grandes sofrimentos. Quando alguma pessoa é acometida por uma grave doença, costumamos dizer: “mas é uma pessoa tão boa, por que então tanto sofrimento? Ela não merece!”. Ou então nos alegramos ou temos uma sensação de justiça, quando alguém

que de fato errou, ou cometeu um crime, é punido de alguma forma, seja pela justiça, seja pelas consequências de seus atos. Isso aparece com maior evidência em finais de novelas, quando os telespectadores ficam aguardando para ver qual será a punição dos vilões. Se a punição não é dada, ficam decepcionados com o autor do enredo. Se fosse assim, as pessoas boas não sofreriam, não morreriam. O sofrimento não é e nunca foi punição de males cometidos. Deus ama também os maus e quer que eles se convertam e vivam. De outro modo os corruptos, os assassinos e estupradores, entre outros, seriam os que mais sofreriam. Mas as coisas não são assim.

O sofrimento faz parte da vida, e todos estão sujeitos a ele, bons e maus. Uns sofrem mais, outros menos, mas todos nós, de uma forma ou de outra, passamos por situações de sofrimento. Porém, existem situações de sofrimento que são extremamente comoventes e que nos tocam profundamente, fazendo despertar em nós o sentimento de compaixão, como é o caso de Elias, na leitura supracitada. Elias se vê numa situação de profundo envolvimento com a dor da viúva. Temos aqui expressa a verdadeira compaixão. Ele agora é parte da vida dessa viúva e a dor dessa mãe é também a sua dor. Por essa razão ele toma o menino morto nos braços e o leva para o andar de cima, onde ficava hospedado, com o intuito de interceder a Deus pela vida daquele menino e da viúva, sua mãe. Ali, sozinho, ele coloca o menino sobre a cama e implora a Deus que o ressuscite. Deus viu o sofrimento da viúva e age através de Elias, devolvendo a vida do menino. Elias desce com o menino nos braços. Aquele que subiu para o quarto com um morto em seus braços, agora volta trazendo-o vivo, entrega-o a sua mãe e diz: “olhe, seu filho está vivo”. Dá para imaginar a cena e o sentimento que se apodera daquela mãe. Se não existe dor maior do que a dor de perder um filho, não existe alegria maior do que a alegria de recuperar um filho tido como morto. Esse sentimento está bem expresso no Evangelho do Filho Pródigo (Lc 15,11-32), quando o pai recebe o filho de volta, são e salvo. Aquele que ele imaginava morto estava vivo e

voltando para casa. Era preciso se alegrar e festejar. Assim também acontece com a viúva. Deu-se ali uma grande festa. Não festa com comidas e bebidas, como está expresso no Evangelho do Filho Pródigo, mas uma festa interior, de uma alegria incomensurável, um sentimento inexplicável, digno de quem foi envolvido pela compaixão e pela misericórdia de Deus.

Assim acontece no Evangelho supracitado (Lc 7,11-17). Como foi dito antes, temos uma situação bem semelhante à de Elias. Jesus vai para uma cidade chamada Naim, com seus discípulos e uma grande multidão. É a multidão representada pela vida ou pelo desejo de vida, simbolizada em Jesus, que veio para que todos tivessem vida, e vida em plenitude (Jo 10,10). Porém, Jesus e essa multidão se deparam com outra multidão, a dos que perderam a esperança, dos que perderam a vida, simbolizada na multidão que acompanhava a viúva no féretro de seu filho morto. É a multidão dos que choram, dos miseráveis, dos esquecidos e marginalizados, dos que clamam por justiça. Esse encontro é providencial. É Deus mesmo que se encontra com os sofredores para devolver-lhes a dignidade, a vida plena.

É esse encontro que fazem os discípulos missionários de Jesus Cristo, quando eles vão para a missão, para as áreas de desafios, de sofrimento e de morte. Esse encontro ajuda a iluminar nossa missão de cristãos. Se não formos ao encontro dos que sofrem e não nos compadecermos dos seus sofrimentos, não estaremos cumprindo nossa missão de cristãos. Porém, para se compadecer é preciso conhecer, deparar-se com a dor do outro, enfrentá-la. Sem esse contato real nosso sentimento pode ser apenas de pena, mas não de compaixão. Por essa razão, Elias entrou na vida da viúva; por essa razão, Jesus e seus discípulos se encontraram com o féretro do filho da viúva, em Naim, e entraram na sua dor, na sua vida. Esse encontro é gerador de compaixão e de misericórdia. Quando Jesus a viu, teve compaixão (Lc 7,13). Precisamos grifar esta expressão porque ela é medular neste Evangelho. É esse sentimento que faz com que Jesus sinta a dor daquela mulher e a dor de todos os sofredores. Dá para imaginar a

situação dessa mulher: “era filho único e sua mãe era viúva” (Lc 7,12b). A morte desse filho significa o decreto da miséria dessa mulher. Não bastasse sua condição de viúva, que era um agravo a sua condição social, perder o único filho significava que seus bens, caso ela os tivesse, iriam parar nas mãos dos juízes injustos, deixando-a na miséria total. Junto com tudo isso estava a dor natural, e extrema, da perda de um filho, e de um filho único.

É essa situação extremada de dor que comove e move Jesus a ressuscitar seu filho. Ele repete o mesmo gesto de Elias. Debruça-se sobre o caixão, toca no morto e ordena que levante. Ordenar significa ter poder sobre a morte. Somente Deus tem poder sobre a morte. Deus e aqueles enviados por ele, ou que agem em seu nome. Ter poder sobre a morte significa ter poder contra as forças do mal, poder contra aqueles que não querem ver a vida em plenitude. Assim, Jesus recupera a vida do filho da viúva e o entrega a sua mãe. A cena é similar à de Elias com a viúva de Sarepta, com a diferença de que na cena de Jesus com a viúva de Naim há multidões que a presenciam e participam. Na primeira cena, a de Elias, a viúva está só e reconhece em Elias a presença de Deus, um “homem de Deus”. Na de Jesus a viúva também não tem dúvida de que ele é o próprio Deus presente na sua vida e na vida do mundo. Esse reconhecimento está na expressão de todos, que diziam: “Deus veio visitar o seu povo”.

É esse Deus que nós, discípulos missionários de Jesus Cristo, devemos anunciar, como vemos na Carta de São Paulo aos Gálatas (Gl 1,11-19). Aí encontramos o apóstolo confirmando à comunidade que o Evangelho que ele anuncia não é invenção humana, mas de Deus mesmo. Esse Deus que liberta o oprimido e devolve a vida aos que estão à beira da morte, aos pecadores e aos sofredores. Paulo mostra que, aquilo que ele ensina, recebeu de Deus e não de seres humanos, sendo, portanto, representante legítimo de Deus, como foi Elias.

Todo aquele que representa Deus, que fala em seu nome, tem poder para promover a vida e é portador do sentimento

de compaixão e de misericórdia. É o que nos mostram as leituras supracitadas, e é o que diz Paulo, apóstolo. Não obstante o seu histórico de perseguidor dos cristãos, Paulo deu provas concretas da sua conversão. Assim também será conosco. Não importam os nossos pecados: se nos convertermos a Deus, e o bem que fizermos for maior que os pecados, estaremos justificados, porque Deus é misericordioso.

Assim sendo, todos somos convocados a fazer o bem, a irmos ao encontro dos que sofrem e ajudá-los a superar sua situação de sofrimento. Porém, só serão eficazes as nossas ações se elas forem resultados da compaixão e da misericórdia, e só haverá compaixão e misericórdia se houver envolvimento com os sofredores e com a sua situação de sofrimento. E isso se dará se adentrarmos verdadeiramente no sofrimento de nossos irmãos, pois assim haverá em nós o sentimento de verdadeira compaixão.

Morte e ressurreição: as duas faces da vida permeada pela misericórdia de Deus

A profecia de Ezequiel (Ez 37,12-14) trata de uma situação de morte que foi transformada em vida pelo amor misericordioso de Deus, que não quer a morte das suas criaturas, mas que todas vivam. O povo estava no exílio da Babilônia, vivendo oprimido, como se estivesse na sepultura. E é essa mesma a imagem que o profeta Ezequiel usou para descrever aquela realidade de sofrimento e morte do povo exilado de sua pátria, à mercê dos opressores. Na passagem que antecede o texto supracitado de Ezequiel, o profeta descreve a situação de morte do povo, comparando-o a ossos ressequidos, sem vida. Ele pinta com cores fortes o quadro de miséria em que vive o povo de Deus. Porém, em meio a essa situação, ele mostra a mão de Deus que faz com que aquele povo recobre a vida e se reerga de suas misérias, saindo dos seus túmulos, isto é, de sua condição de morte. É a mais latente imagem da ressurreição usada para mostrar que ela começa quando se resgata da miséria e se proporciona vida às pessoas.

A figura de linguagem usada por Ezequiel é muito oportuna neste ano da misericórdia. Deus vai abrir as sepulturas nas quais vivem os que se desviam do seu caminho e retirá-los dali, conduzindo-os à vida plena. Deus se revela neste gesto de recuperação da vida, como Jesus se revelou na recuperação da vida de Lázaro, ao abrir-lhe a sepultura e ordenar que saísse dela para a vida. A partir daí este povo não será mais o mesmo, oprimido e subjugado, mas terá o espírito de Deus. E um povo que tem o espírito de Deus, a ele pertence. Pertencendo a ele, ninguém mais o subjugará nem o colocará numa situação de morte. É o que o apóstolo Paulo insiste em dizer na carta aos Romanos (Rm 8,8-11).

Nesta carta o apóstolo afirma que se o espírito de Deus habita em nós, mesmo que estejamos feridos de morte pelos pecados cometidos, ele nos recupera para a vida, pela sua graça, justiça e misericórdia. É isso que estamos vendo neste ano da misericórdia, ano em que o Papa Francisco nos faz fortes apelos à conversão. É preciso, portanto, que façamos a nossa parte, deixando de lado procedimentos que desagradam a Deus. Se assim o fizermos, ele que recuperou a vida do povo hebreu, e ressuscitou Jesus Cristo dentre os mortos, vivificará nossos corpos mortais, nos concederá a vida plena, conforme prometeu a Israel e a sua descendência. Ele abrirá as covas que cavamos devido aos nossos pecados e nos resgatará para a vida, como fez Jesus ao amigo Lázaro (Jo 11,1-45).

Lázaro está doente. A doença de Lázaro pode representar uma situação de pecado que o está conduzindo à morte. Jesus ama Lázaro como ama todos os pecadores, porque somente o amor consegue livrar alguém dos seus pecados e conduzi-lo à vida. Jesus foi acusado de ser amigo dos cobradores de impostos e dos pecadores e de fazer refeição com eles. Jesus era muito amigo de Lázaro e de sua família, representada nas irmãs Marta e Maria. Sabendo do amor que Jesus tem por elas, o avisam da doença do irmão.

O povo judeu, Marta, Maria e Lázaro representam diferentes facetas da comunidade que se relaciona com Jesus, de diferentes maneiras, refletindo diferentes concepções a

respeito dele. Marta é a comunidade que crê, que professa a sua fé, que vai ao encontro de Jesus consciente de quem ele é. Maria representa a comunidade que segue, mas ainda não está totalmente convicta. Lázaro representa a comunidade que, apesar do amor de Jesus, continua alienada, presa a suas amarras, a suas sepulturas. E o povo judeu representa aqueles que seguem sem saber o porquê de estar seguindo. Vão com os outros, agem conforme os outros agem ou determinam. Estes diferentes personagens revelam os diferentes procedimentos que ainda temos em relação a Jesus e a suas propostas. Dentre todos estes procedimentos, o de Marta é o que mais se aproxima do comportamento ideal. Porém, trazemos dentro de nós um pouco de cada um deles.

Este texto do Evangelho de São João, e os outros citados acima, nos propõem que professemos a nossa fé no Cristo Jesus misericordioso, a exemplo de Marta, e assim seguirmos com ele até o fim, onde vislumbraremos a Páscoa, a ressurreição. Que a promoção da vida trazida nos textos tratados nesta reflexão nos ajude a promover a vida de todo aquele que vive em situação de miséria, sofrimento e morte. Que possamos ajudar os Lázarus de nossos tempos a saírem de seus túmulos, retirando os obstáculos, as amarras que impedem que tenham vida plena. Que saibamos também descobrir quais são os nossos túmulos e as nossas amarras, e possamos nos libertar deles para servir a Deus e ao próximo, livremente.

Referências bibliográficas

- BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.
- FRANCISCO, Papa. *Laudato Si'*. Carta Encíclica do Sumo Pontífice Francisco. *Documentos do Magistério*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2015.
- PEREIRA, José Carlos. *Desejo de eternidade: teoria do autoconhecimento*. São Paulo: Ave-Maria, 2008.
- _____. *Liturgia da Palavra II: reflexões para os domingos, solenidades, festas e memória*. São Paulo: Paulus, 2014.
- _____. *Missa do sétimo dia: símbolos e significados*. Uberlândia: A Partilha, 2010.

- _____. *Novena para famílias em luto: guia do agente*. Uberlândia: A Partilha, 2012. vol. 1.
- _____. *Pastoral da Esperança: subsídio de implantação, formação e atuação de agentes*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- _____. *Resiliência: para lidar com pressões e situações adversas*. São Paulo: Ideias & Letras, 2015.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Quais dos textos bíblicos citados mais lhe chama a atenção e por quê?
2. Reflita sobre a diferença entre os sentimentos de pena e de compaixão e faça algumas inferências.
3. Na sua opinião, qual dos textos citados mais se aproxima do comportamento ideal de Marta?

Raiz carismática da intercongregacionalidade

MARIA CRISTINA ROBAINA PIEGAS*

A experiência do Espírito da Igreja primitiva expressava o cumprimento de promessas escatológicas anunciadas pelos profetas: os dons prometidos ao Messias (Is 11,2), a mudança dos corações humanos (Ez 36,26s) e a manifestação do Espírito sobre todos os homens (Jl 3,1). Do mesmo modo, cremos que não é estranha a presença e a ação da *Ruah* Divina na atual mudança de época que alcança todo o humano. Estamos participando de um novo começo, um voltar a começar na vida da Igreja pela fidelidade ao carisma, para além de todas as formas institucionais sujeitas hoje a revisão e conversão, com os critérios que o Papa Francisco nos oferece em *Evangelii Gaudium*. Na Vida Consagrada (VC), experimentamos como o Espírito está recriando nossos carismas que, até há alguns anos, expressavam-se em formas específicas de VR congregacional. É um sinal patente dos últimos tempos como esses carismas cobram novo vigor e vão encontrando imprevisíveis modalidades de expressão na vida e missão partilhadas com leigos e leigas,¹ assim como as múltiplas e fecundas formas de inter-congregacionalidade.²

Habitantes de contextos em transformação

Em nosso processo vital e em nossa história de fé temos experimentado que a conformação – conteúdos, modos, contextos e horizontes – de nossa VC tem-se desconfigurado. O suceder de processos de verdadeira metamorfose foi removendo e substituindo os pressupostos vitais que sustentavam nossas formas de ser e estar no mundo. Realmente,

* **Maria Cristina Robaina Piegas** é religiosa da Companhia de Santa Teresa de Jesus (STJ). Nasceu em Montevideu (Uruguai). Graduação em Planejamento Pastoral na Universidade Ibero-Americana. Pós-graduação em Gestão de Centros Educativos, na Universidade Católica do Uruguai. Mestrado em Bioética, na Universidade de Cuyo – Argentina. Atualmente é assessora institucional e professora de Bioética da Faculdade de Teologia do Uruguai.

1 Cf. Carisma, lugar de encontro: leigos e religiosos. *Revista Testimonio*, n. 252, Santiago do Chile, ago. 2012.

2 Cf. Intercongregacionalidade. *Revista CLAR*, ano XLIX, n. 3, Bogotá, jul.-set. 2011.

as tradições estáveis são questões do passado histórico e o presente nos encontra buscando modos de viver e de voltar a dar nome a nossas identidades.

O tempo presente, pois, nos é dado como um período cambiante e imprevisível. Vivemos e falamos de uma “mudança de época”, o que significa que somos conscientes de tomar parte – ativa e passivamente – da desarticulação de sistemas precedentes que formavam a trama existencial de nossas concepções e práticas. E, por outro lado, também somos conscientes de ser parte – não sempre participantes – da gestação confusa e perturbada de realidades que excedem nossa imaginação. Somos conscientes de necessitar de outras formas de nos posicionar e de atuar.

Os processos históricos têm feito convergir novas realidades. E em razão das formas de pensar e viver – às vezes, assumidas sem perceber – que foram pautando itinerários vitais e organizacionais, temos experimentado contextos de enorme complexidade.

Não tem mudado a substância última da VC, porém, sim, é necessário recriar e, sobretudo, deixar-nos recriar pelo Espírito nestes tempos.

De fato, as Fundadoras e os Fundadores escutaram a Palavra que clamou em seus corações e em suas entranhas através dos sinais de seu próprio tempo histórico e espaço contextual. E com companheiras e companheiros de caminho, em quem também ressoou essa Palavra, plasmaram – com seus traços pessoais e em suas circunstâncias – modos de viver uma página viva do Evangelho. Os carismas da VC manifestaram e manifestam no tecido da Igreja múltiplas palavras da única Palavra.

Dessa forma, em todos os tempos, foram-se configurando projetos que fizeram história e que se enriqueceram com cores e sabores próprios de culturas, épocas e subjetividades. Estas comunidades foram se estruturando historicamente, procurando responder de diversas formas aos sinais dos tempos e dos lugares.

Neste sentido, transformaram-se em organizações com uma inspiração carismática. Toda organização, se quer manter viva sua inspiração fundacional, tem uma necessidade vital de membros criativos e inovadores. Porém, os fatos demonstram que, uma vez que as organizações e comunidades crescem e se desenvolvem, criam estruturas de governo que, com frequência, longe de fomentar a criatividade e a diferença, vivem-nas como ameaça e impedem o surgimento de novos espaços de recriação carismática. Assim começam o esgotamento e o declive.

Em algum ponto começam a se produzir anticorpos para proteger-se da nova criatividade e das inovações, as quais são essenciais para que esses grupos ou comunidades vivam em diálogo existencial com novas realidades e sujeitos. E se produz uma “enfermidade autoimune grave” que afeta muitas organizações e comunidades.³

Não é de estranhar que, em meados do século passado, o Concílio Vaticano II tenha convocado religiosos e religiosas a uma “adequada renovação”,⁴ pedindo-lhes que “procurem os religiosos com empenho que, por seu intermédio, a Igreja revele cada vez mais Cristo aos fiéis e infiéis, Cristo orando sobre o monte, anunciando às multidões o Reino de Deus, curando os doentes e feridos, trazendo os pecadores à conversão, abençoando as criancinhas e fazendo bem a todos, obediente em tudo à vontade do Pai que o enviou”⁵

A VC, nestes 50 anos, tem sido cenário de mudanças e transformações de diversos alcances e velocidades, mais sujeitos a vendavais que a claridade de horizonte. Sem dúvida, e tal como vimos afirmando, isso faz parte da história da humanidade nestes tempos de metamorfose de época. E este Congresso nos encontra buscando juntas e juntos o rosto de Deus e as pegadas do Espírito “onde a vida clama”, a fim de avançar para “horizontes de novidade na vivência de nossos carismas hoje”.

3 Cf. Bruni, Liugino, “Il coraggio di pensare il frutteto. La grande transizione/7 – Si può curare la malattia auto-immune delle organizzazioni”, *Periodico Avvenire*, Milán, 15/02/2015.

4 PC.2. Cf. Decreto conciliar promulgado em 28 de outubro de 1965, cujos 50 anos estão celebrando este Congresso da VC.

5 LG, 46.

A palavra carisma – dom gratuito – nem sempre tem no Novo Testamento sentido estrito, mas amplo: “Em Cristo, Deus nos tem acumulado de graça e nos outorgará toda sorte de dons” (cf. Ef 1,6; Rm 8,32). O uso técnico do vocábulo “carisma” se entende por essa presença do Espírito que se manifesta por toda sorte de dons gratuitos (cf. 1Cor 12,1-4).⁶

O Concílio – diria anos depois João Paulo II – teve dentro de si algo de Pentecostes.⁷ Somos testemunhas do desdobramento da Divina Sabedoria naquele acontecimento, em diversas etapas posteriores e neste momento de graça, meio século de sua realização: o Espírito guia a Igreja “a toda verdade, unifica-a em comunhão e ministério, provê-a e governa com diversos dons hierárquicos e carismáticos e a embeleza com seus frutos”.⁸

É o mesmo Espírito que “distribui graças especiais entre os fiéis de qualquer condição... Estes carismas, tanto os extraordinários como os mais comuns e difundidos, devem ser recebidos com gratidão e consolo, porque são muito adequados e úteis às necessidades da Igreja”.⁹

O Concílio reconhece que “os conselhos evangélicos são um dom divino que a Igreja recebeu do Senhor e que com sua graça conserva sempre”,¹⁰ e ainda que não dá explicitamente o nome de carisma à VR, integra-a plenamente em sua dimensão pneumática: “o estado constituído pela pressão dos conselhos evangélicos, ainda que não pertença à estrutura hierárquica da Igreja, pertence, no entanto, de maneira indiscutível, à sua vida e santidade”.¹¹

Do mesmo modo, reconhece seu caráter de dom do Espírito a serviço da edificação do povo de Deus: “Já desde as origens da Igreja houve homens e mulheres que, sob a inspiração do Espírito Santo, o viveram na solidão ou erigiram famílias religiosas. De onde, por desígnios divinos, floresceu aquela admirável variedade de famílias religiosas que tão grandemente contribuiu para que a Igreja estivesse

6 Cf. León-Dufour, oc.

7 Cf. João Paulo II, *Cruzando o umbral da esperança*, Plaza e Janés, Barcelona, 1994, p. 164.

8 LG 4.

9 Cf. LG, 12.

10 LG, 43.

11 LG, 44.

equipada para toda obra boa e preparada para a obra do ministério para a edificação do Corpo de Cristo”.¹²

Voltar às fontes: reconfiguração da VC como povo de Deus

Um instituto de VC pode morrer de infertilidade. Porém, também pode se tornar algo que não tem nada do DNA carismático e dos ideais do Fundador.¹³ O Concílio nos convidou, religiosos e religiosas, ao “contínuo regresso às fontes de toda a vida cristã e à genuína inspiração dos Institutos, mas também a sua adaptação às novas condições dos tempos”.¹⁴ É notório o esforço realizado, mas se faz decisiva a necessidade de maior lucidez e desprendimento para distinguir o espírito original e os aspectos contingentes, liberando a imprevisível fecundidade dos carismas fundacionais no presente e no futuro.

Esta “volta às fontes de toda vida cristã”¹⁵ tem relação com um dos aspectos mais significativos do evento conciliar: a recuperação do conceito bíblico de povo de Deus, “povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.¹⁶

No caminhar pós-conciliar, a VC foi crescendo em consciência de identidade eclesial como povo de Deus e entrelaçando sua própria história em múltiplas redes de pertença eclesial. A “volta à primitiva inspiração fundacional e à atenção às cambiantes condições dos tempos” (cf. PC, n. 2) foi e é o canal sobre o qual a VC está determinada a recriar – no contexto de seu próprio carisma – a dimensão histórica da Aliança selada por Deus com o povo de Israel, reunido e renovado por Cristo.

E assim se une ao caminhar do povo de Deus, que tem sido chamado a revelar a vocação do homem como pessoa e como parte de uma comunidade: “foi vontade de Deus santificar e salvar os homens, não isoladamente, sem conexão alguma de uns com os outros, mas constituindo um povo, que o conhecesse na verdade e o servisse santamente”.¹⁷

12 PC, 1. Cf. Ciardi, Fabio, *Los fundadores, hombres del espíritu*.

Para una teología del carisma del fundador. Ediciones Paulinas, Madrid, 1983, p. 27-46.

13 Cf. Bruni, Luigino, OC.

14 PC 2.

15 Cf. PC, 2.

16 LG, 14.

17 LG, II, 9.

Nesta experiência disciplinar de seguimento de Jesus – em nosso caso, próprio de quem professa os conselhos evangélicos – se revela como “esta índole comunitária se aperfeiçoa e se consome na obra de Jesus Cristo”.¹⁸ Com efeito, pela ação do Espírito, é possível a constituição de uma comunidade fraterna, de modo que na consciência da Igreja como povo de Deus se percebe a perspectiva mais profunda do chamado à comunhão em sentido mais amplo.¹⁹

O convite a uma profunda volta às fontes – como retorno e conversão – nos situa no coração do Evangelho e de nossa pertença ao povo de Deus. O Papa Francisco nos recorda como “a VC é um dom para a Igreja, nasce na Igreja, cresce na Igreja, está totalmente orientada pela Igreja”.²⁰

Com essa mesma força, ao nos convocar a uma “nova etapa evangelizadora”,²¹ Francisco ressalta fortemente a vocação eclesial dos carismas: “Não são um patrimônio fechado, entregue a um grupo para que o guarde; mas são presentes do Espírito integrados ao corpo eclesial, atraídos para o centro que é Cristo, a partir de onde se orientam para um princípio evangelizador. Um sinal claro da autenticidade de um carisma é sua eclesialidade, sua capacidade de se integrar harmonicamente à vida do santo povo fiel de Deus para o bem de todos”.²²

Conduzida pelo Espírito e transitando um processo sempre mais exigente, os institutos da VC foram flexibilizando no tempo pós-conciliar suas fronteiras institucionais e empreenderam caminhos comuns com pessoas, grupos e instituições eclesiais. Assim foram despontando germes de vida que abriram oportunidades inesperadas de um novo nascimento da VC. Entre elas se destacam duas manifestações particularmente fecundas: por um lado, a experiência do carisma partilhado com leigos e leigas que foram assumindo diversas modalidades, desde a colaboração até a configuração de famílias evangélicas. Por outro lado, as diversas formas de intercongregacionalidade ampliam possibilidades já exploradas e outras apenas intuídas.

18 Cf. GS, 32.

19 LG, II, 13. Cf. Madrigal, Santiago, “Tríplice conciliar. Relato, mistério, espírito do Vaticano II”, *Sal Terrae*, Santander, 2012, p. 73-123.

20 Papa Francisco, “Carta apostólica a todos os consagrados por ocasião do Ano da VC”, Roma, 21 de novembro de 2014.

21 EG, 1.

22 Cf. EG, 130.

Na casa-comunidade de Betânia (Jo 11,12)

No último triênio, a CLAR nos convidou a entrar e permanecer em Betânia.²³ Introduzimo-nos na intimidade da casa-comunidade, como discípulas e discípulos, e reconhecemos nela muitos traços de nossas comunidades e da ação do Espírito nelas. Contemplando o mistério de Jesus revelado nos acontecimentos de Betânia, obtivemos algumas aprendizagens que vão nos conduzindo para recuperar o mais genuíno dos carismas fundacionais de nossas congregações e intuir pistas de ressignificação e reconfiguração histórica:

- Na ressurreição de Lázaro – na qual se manifesta a renovação da Aliança de Deus com seu povo, transcendendo as instituições de Israel – reconhecemos que também pertencemos a um carisma congregacional, mais que a uma instituição.
- Precisamos voltar a nascer a partir da fragilidade, como Lázaro.
- Deus é quem conhece a hora: o tempo e o modo de ação.
- A chave do novo começo como VC é a disposição para a “saída missionária”, que se faz presente nos “cenários e desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja e se atreve a chegar a todas as periferias que necessitam da luz do Evangelho”.²⁴
- Os novos significados que nos permitem avançar em novas configurações históricas, vamos vivendo-os e descobrindo-os, “escutando a Deus onde a vida clama” e humanizando os vínculos *ad intra e ad extra* da vida comunitária, eclesial e social.
- A Casa de Betânia (Jo, 11,12) – comunidade aberta a diversos modos de relação com Jesus – projeta sua luz sobre as famílias carismáticas e as experiências inter-congregacionais, sinais do Espírito que visibiliza hoje a dimensão carismática da vocação cristã no coração da Igreja.

23 Cf. CLAR, Plano Global 2012-2015.

24 Cf. EG, 19-30.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Procurem a riqueza da profunda volta às fontes.
2. Dialoguem sobre as diversas formas de intercongregacionalidade.
3. Estabeleça uma relação “A casa de Betânia” com a experiência da intercongregacionalidade.

486

Discurso do ganhador do Prêmio da Paz

Navid Kermani*
18 de outubro de 2015

487

No mesmo dia que a notícia do Prêmio da Paz me alcan-

* **Navid Kermani**
recebeu o Prêmio da
Paz da Associação dos
Livreiros Alemães.
Texto traduzido
por Adolfo Temme
e Johannes Gierse,
franciscanos.

com fiéis e autoridades locais. Depois de despedir todos os hóspedes, ele me convidou para o seu quarto pequeno por meia hora e colocou para a entrevista uma cadeira ao lado de sua cama, na qual ele mesmo tomou lugar.

Fiquei admirado não somente com suas palavras – como repreendia abertamente o governo, como falava sem rodeios sobre o endurecimento da comunidade cristã. Mais impressionado fiquei com sua figura: um servo de Deus calmo, sério, introvertido e ascético, mas que, tendo Deus lhe confiado agora o pastoreio dos cristãos atribulados em Qaryatein e o cuidado do mosteiro, dá conta desse trabalho com todo empenho. Falava baixo e tão devagar, quase sempre com olhos fechados, como se quisesse desacelerar o pulso, aproveitando a entrevista como folga entre dois compromissos cansativos. Ao mesmo tempo falava bem comedido, como quem dita para a imprensa; e o que saía da sua boca era de tanta clareza e sem medo que eu sempre lhe perguntava se não era perigoso publicar suas palavras. Então ele abria os cálidos olhos escuros e, cansado, afirmava: “Sim! Se não fosse para publicar não teria dito. O mundo deve saber como é a vida na Síria”.

O cansaço foi talvez a impressão mais forte que eu trouxe da entrevista com padre Jacques; o cansaço de alguém que aceitou o fato de que repouso somente haverá na outra vida; o cansaço de um médico ou bombeiro que economiza suas forças, quando a aflição toma conta. E era isso que padre Jacques era: sacerdote, sendo médico e bombeiro no meio da guerra, não só para as almas dos atribulados, mas também para os corpos dos carentes, aos quais oferecia na sua igreja alimento, proteção, roupa, abrigo e, sobretudo, atenção, sem perguntar pela fé de ninguém. O mosteiro de Mar Elian até o fim abrigou e deu assistência a centenas ou talvez milhares de fugitivos, na sua maioria muçulmanos. E não somente isto. Padre Jacques conseguiu, ao menos em Qaryatein, manter a paz, até a paz entre as confissões. Este padre tão silencioso e sério conseguiu que os grupos e as milícias tão diferentes, alguns fiéis ao regime e outros da oposição, concordassem em retirar as armas pesadas do lugar. E

ele, que criticava a própria igreja, conseguiu motivar quase todos os cristãos a não fugirem. “Nós cristãos fazemos parte deste país, se bem que os fundamentalistas daqui ou da Europa não queiram ouvir isto.” Padre Jacques me falou: “A cultura árabe é nossa cultura”.

Ele achou horrível a proposta de políticos ocidentais no sentido de acolher somente árabes cristãos. “Será que este Ocidente se preocupa com cristãos, se ele não se interessa por milhões de sírios que, independentemente de religião, fazem demonstração pacífica por democracia e direitos humanos? O mesmo Ocidente que acabou com o Iraque e forneceu o veneno mortífero para Assad? O mesmo Ocidente que está aliado com a Arábia Saudita, que apoia o jihadismo? E agora este Ocidente se preocupa com os cristãos árabes? Isto é piada”, diz padre Jacques, sem brincadeira. “Estes políticos favorecem com suas palavras irresponsáveis exatamente aquele fanatismo religioso que é ameaça para nós!”

A responsabilidade de padre Jacques crescia cada vez mais, e ele a carregava sem lamento, como sempre. Os companheiros estrangeiros da Comunidade tiveram que deixar a Síria e acharam abrigo no norte do Iraque. Ficaram somente sete pessoas entre monjas e monges da Síria, que se dividiram nos mosteiros Mar Elian e Mar Musa. As frentes de batalha mudavam toda hora, de modo que em Qaryatein ora mandava o regime do ditador, ora as milícias da oposição. Os monges e as monjas tinham que arranjar-se com os dois lados, tratando de sobreviver aos ataques aéreos como todos os cidadãos, nos dias em que a cidade estava no poder das milícias. Mas depois o “Estado Islâmico” foi penetrando cada vez mais no centro da Síria. “A ameaça do Estado Islâmico, esta seita de terroristas que representa uma imagem horrorosa do Islã, chegou a nossa região”, assim escreveu padre Jacques para uma amiga francesa, poucos dias antes do seu sequestro. E continuando: “É difícil saber o que devemos fazer. Será que vamos deixar as nossas casas? Isto nos custa muito. Mas é terrível admitir que estamos abandonados, sim, abandonados pelo mundo cristão que resolveu

distanciar-se para manter o perigo longe de si. Nós não significamos nada para eles”.

Nestas poucas linhas de um e-mail que ele escreveu às pressas, duas formulações são características de padre Jacques e ao mesmo tempo são a medida de toda sua intelectualidade. Na primeira frase ele diz: “A ameaça do Estado Islâmico, esta seita de terroristas que representa uma imagem horrorosa do Islã...”. A outra frase, sobre o mundo cristão: “Nós não significamos nada para eles”. Ele defende o grupo estranho e critica o próprio. Quando este grupo, que pretende defender o Islã e abusa do Alcorão, já era um perigo real para ele e sua comunidade, imediatamente antes do sequestro, padre Jacques ainda dizia que estes terroristas deturpam a imagem do Islã. Eu contestaria qualquer muçulmano que, em face do “Estado Islâmico”, só dissesse que a violência não tem nada a ver com o Islã. Mas um cristão, um sacerdote católico, que deve contar com expulsão, humilhação, exílio e morte, e insiste em defender esta outra religião, um tal servo de Deus manifesta uma grandeza que só conheço da Vida dos Santos.

Alguém como eu não pode defender o Islã deste modo. Não deve. Porque o amor pelo que é próprio, o amor pela própria cultura e pelo próprio país, como também o amor a si mesmo, é provado na autocrítica. O amor ao outro – a outra pessoa, outra cultura ou religião – pode ser cegamente apaixonado, sem reservas. Sem dúvida, o amor ao outro pressupõe o amor a si mesmo, mas uma paixão pelo Islã, como demonstravam padre Jacques e padre Paolo, sim, uma paixão só se pode sentir pelo outro. O amor a si mesmo, para não levar ao narcisismo, ao autoelogio, ao culto da própria pessoa, este amor tem que ser reservado e desconfiado. Como é válida esta advertência para o Islã de hoje! O muçulmano que não questiona e briga com sua fé, não ama o Islã.

Não é só naquelas cenas terríveis e naquelas imagens de horror da Síria e do Iraque que o Alcorão é exibido como justificativa, e não é só nas decapitações que se grita ainda: *Allahu Akbar* [“Deus é grande”]. Em muitos outros países islâmicos, senão em todos, as autoridades governamentais,

instituições públicas, escolas de teologia ou grupos rebeldes citam o Islã quando oprimem o próprio povo, quando desconsideram as mulheres, quando perseguem, expulsam e massacram gente que pensa diferente, que tem outra fé ou outra cultura. No Afeganistão, mulheres são apedrejadas em nome do Islã; no Paquistão, turmas inteiras de escola são assassinadas; na Nigéria, centenas de moças são escravizadas; na Líbia, cristãos são decapitados; em Bangladesh, blogueiros são mortos à bala; na Somália, bombas são acionadas nos mercados; em Mali, sufistas e músicos são assassinados; na Arábia Saudita, opositores do regime são crucificados; no Irã, as obras mais importantes da literatura atual são proibidas; no Bahrein, xiitas são oprimidos; no Iêmen, sunitas e xiitas são provocados para se enfrentarem.

É verdade que a maioria dos muçulmanos detesta violência, terror e opressão. Isto não é somente retórica, pois foi isto que vi nas minhas viagens: só sabe do valor da liberdade quem não a tem como algo de direito. Todas as revoltas das massas no mundo islâmico eram gritos pela democracia e pelos direitos humanos, não somente as revoluções ensaiadas e abortadas nos países árabes; do mesmo modo, os protestos na Turquia, no Irã e no Paquistão, como também, recentemente, o levante nas urnas da eleição presidencial da Indonésia. As rotas dos fugitivos mostram onde muitos muçulmanos esperam uma vida melhor do que na terra deles: em qualquer lugar menos em ditaduras religiosas. Também os relatos que nos vêm de Moussul e Rakka não mostram ilusão, mas, sim, pânico e desespero da população. Todas as autoridades religiosas de renome condenaram a pretensão do “Estado Islâmico” de falar em nome do Islã e mostram em detalhes como as práticas e a ideologia contradizem o Alcorão e os princípios da teologia islâmica. E não esqueçamos que os combatentes da linha de frente contra o “Estado Islâmico” são muçulmanos: curdos, xiitas, tribos sunitas e membros do exército iraquiano.

Tudo isto tem que ser dito, para a gente não cair na ilusão de que o Islã esteja travando guerra contra o Ocidente. Antes, o Islã trava uma guerra contra si mesmo; melhor: o

mundo islâmico é sacudido por confrontos internos, com efeitos políticos e étnicos que parecem com as convulsões da Primeira Guerra Mundial. Já não existe o Oriente multiétnico, multirreligioso, de muitas culturas, que eu estudei nas suas magníficas manifestações literárias da Idade Média, que conheci de estadias prolongadas em Cairo e Beirute, que aprendi a amar desde a infância nas férias em Isfahan e que observei como repórter no mosteiro de Mar Musa: este Oriente sempre ameaçado, nunca intacto, porém cheio de vivacidade, não haverá mais, como não há mais o mundo de ontem, que Stefan Zweig descreveu nos anos de 1920 com tanta saudade e melancolia.

Que foi que aconteceu? O “Estado Islâmico” não é de hoje e também não começou com as guerras civis no Iraque e na Síria. Seus métodos podem não agradar, mas sua ideologia é o *wahabismo*,² que influencia hoje o mundo islâmico até o último canto e que, como o *salafismo*,³ atrai até os jovens na Europa. Sabemos que os livros didáticos e os planos de aula no “Estado Islâmico” são idênticos em 95% com os livros didáticos da Arábia Saudita. A ideia de fundo é: o mundo, não somente no Iraque e na Síria, é dividido em proibido e permitido; a humanidade é dividida em fiéis e infiéis. Financiado com somas altíssimas vindas do petróleo, espalhou-se por centenas de anos nas mesquitas, nos livros e na televisão um modo de pensar que, sem exceção, declara como infiéis todos aqueles que têm outro credo, achando-se no direito de xingar, aterrorizar, ridicularizar e ofender estas pessoas. Se a gente rebaixa diariamente outras criaturas, estas serão consideradas vidas que não merecem viver, como tão bem sabemos da nossa história alemã. Se era possível conceber um tal fascismo religioso, se o “Estado Islâmico” achou tantos combatentes e, ainda mais, simpatizantes, a ponto de poder esmagar países inteiros e tomar cidades com mais de um milhão de habitantes praticamente sem luta, este não é o começo mas sim o fim de um longo declínio, de uma decadência, também, e sobretudo, do pensamento religioso.

2 *Wahabitas* são seguidores de uma ala purista tradicionalista do Islã sunita.

3 *Salafismo* ou movimento *salafista* é um movimento ortodoxo ultraconservador dentro do islamismo sunita. A doutrina (tem) “uma abordagem fundamentalista do Islã...”. O movimento é frequentemente dividido em três categorias: o maior grupo são os puristas, que evitam a política; o segundo maior grupo são os ativistas, que se envolvem na política; o menor grupo é o dos jihadistas. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Salafismo>.

Em 1988 eu comecei a estudar Orientalismo, com acento no Alcorão e na poesia. Creio que qualquer um que estude esta matéria na sua forma clássica deva chegar ao ponto de não poder mais conciliar o passado com o presente. E ele se torna perdidamente sentimental. É claro que o passado também não era somente paz, somente vivacidade. Mas, como estudioso da Filologia, eu me ocupava de modo especial com os escritos dos místicos, dos filósofos, com as obras da Retórica e da Teologia. E eu, melhor: nós, estudantes, só podíamos e podemos admirar a originalidade, o horizonte vasto, a força estética e a grandeza humana que encontramos na espiritualidade de Ibn Arabi, na poesia de Rumi, na historiografia de Ibn Khaldun, na teologia poética de Abdulqaher al-Dschurdschanis, na filosofia de Averróis, nas crônicas de viagem de Ibn Battuta e, ainda, nos contos de “Mil e uma noites”, que são seculares, sim, seculares e eróticos; além disso, são feministas e, no entanto, penetrados em cada página pelo Alcorão. Não eram notícias de jornal. O dia a dia desta cultura elevada era, como toda convivência humana, mais cinzenta e mais violenta. Mas, assim mesmo, estes testemunhos são prova de quanta coisa era admissível e até corriqueira no Islã. Nada, absolutamente nada, se acha na cultura religiosa do Islã de hoje que seja aproximadamente comparável, que cause fascinação semelhante, que tenha tamanha profundidade como os escritos que encontrei no meu estudo. E isto sem falar da arquitetura islâmica, da arte islâmica, da ciência da música islâmica: tudo isto não existe mais.

A perda de criatividade e liberdade eu gostaria de ilustrar dentro da minha área: teve um tempo em que era possível pensar no Alcorão como texto poético, que só pode ser captado com os meios e métodos da poesia, que só entende quem souber interpretar um poema. No esquema mental era possível e até natural que um teólogo estivesse por dentro da ciência literária e fosse conhecedor da poesia, senão ele mesmo um poeta. Nos dias de hoje o meu próprio mestre Nasr Hamid Abu Zayd foi acusado de heresia, expulso de sua cátedra e forçado a se divorciar pelo fato de ele

interpretar o Alcorão com as ferramentas da literatura; isto é, uma interpretação do Alcorão que era comum, e para a qual Nasr Hamid Abu Zayd podia citar os mais importantes cientistas da clássica teologia islâmica; hoje em dia nem se pode mais pensar. Uma tal interpretação do Alcorão que era tradicional agora é perseguida, punida como heresia. Acontece que o Alcorão é um texto que não somente rima, mas também emprega imagens intrigantes, ambivalentes e misteriosas. Ele não é um livro, mas, sim, um recital, a partitura de um canto que mexe com os ouvintes árabes pelo seu ritmo, pelo encadeamento dos sons e pela linha melódica. A teologia islâmica não só respeitou as propriedades estéticas do Alcorão, mas fez muito mais: ela declarou a beleza da linguagem como milagre que aprova o Alcorão. Mas o que acontece quando um texto não é mais percebido em sua estrutura linguística; quando nem é entendido adequadamente ou levado em conta? Sim, o que acontece então é fácil de observar em todo o mundo islâmico de hoje. O Alcorão se degrada e se torna um *vade mecum*,⁴ onde se pesquisa este ou aquele verbete como num Google. A força de linguagem do Alcorão se torna dinamite política.

Muitas vezes se lê que o Alcorão deveria passar pelo fogo da Iluminação ou, então, que a Modernidade deveria sobrepor-se à Tradição. Mas isto é simplificar a história, porque o passado do Islã era muito iluminado e a literatura tradicional às vezes é mais moderna do que o discurso teológico de hoje. Goethe e Proust, Lessing e Joyce, fascinados pela cultura islâmica, não eram nada ingênuos: nos livros e nos monumentos, eles viram alguma coisa que nós, confrontados com a brutalidade do Islã de hoje, facilmente ignoramos. Talvez o problema do Islã não seja a Tradição, mas, sim, a ruptura quase total com a Tradição, a perda da memória cultural, a amnésia civilizatória.

Pelo colonialismo e por ditaduras laicistas, todos os povos do Oriente sofreram uma modernização brutalmente imposta. Para pegar um exemplo: as mulheres iranianas não tiraram o véu da cabeça aos poucos. Foram soldados obedientes ao *sheikh* que investiram contra elas no meio da

4 *Vade mecum* é, de forma geral, uma denominação para qualquer livro de referência de uso muito frequente e que instrui o leitor a fazer determinadas tarefas. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Vade-m%C3%A9cum>.

rua, tirando-lhes o pano da cabeça, lá nos anos de 1936. Diferente foi na Europa, onde o “tempo moderno”, mesmo com retrocessos e crimes, pôde ser experimentado como processo de emancipação que se desenvolveu em décadas e séculos; no Oriente Médio, o Modernismo foi visto basicamente como coisa violenta. O tempo moderno não foi associado com liberdade, mas, sim, com exploração e despotismo. Imaginemos um presidente italiano que entrasse de carro na Basílica de São Pedro, que subisse em cima do altar com botas sujas e batesse no rosto do Papa com um chicote; então poderíamos ter uma vaga ideia do escândalo provocado por Reza Shah em 1928, quando este invadiu com botas a mesquita de Gnom. Quando o *Imam*⁵ lhe pediu para tirar as botas, como todo fiel faz, ele chicoteou o rosto do *Imam*. Poderíamos encontrar muitos acontecimentos semelhantes no Oriente Médio que demonstram: não foi uma lenta despedida do passado, mas, sim, uma destruição que tentava apagar o passado da memória.

Alguém poderia pensar que, ao menos os fundamentalistas religiosos que, após o fracasso do nacionalismo, ganharam grande influência no mundo islâmico inteiro, apreciassem a própria cultura. No entanto, eles fizeram o contrário: querendo voltar a um suposto início original, não somente negligenciaram a Tradição, mas lutaram decididamente contra ela. Nosso espanto sobre a “iconoclastia do Estado Islâmico” é só porque não percebemos que, na Arábia Saudita, praticamente não há mais objetos da antiguidade. Em Meca, os *wahabitas* destruíram os túmulos e as mesquitas dos parentes mais próximos do profeta; sim, mesmo a casa onde tinha nascido o profeta. Em Medina, a mesquita histórica do profeta foi substituída por uma nova construção gigantesca; onde até há alguns anos existia a casa na qual morava Maomé com sua esposa Khadija, hoje há um sanitário público.

Além do Alcorão, estudei principalmente o misticismo islâmico e o *sufismo*.⁶ Mística, isto soa como algo periférico, esotérico, um tipo de cultura marginal. Em relação ao Islã nada poderia ser mais errôneo. Até o século XX,

5 *Imam* ou *Imã* é o pregador no culto islâmico e também designa os principais líderes religiosos do islamismo que sucederam o profeta Maomé. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Imame>.

6 O *sufismo* é uma corrente mística e contemplativa do Islã.

o sufismo era a base da piedade popular em quase todo o mundo islâmico; e no Islã asiático ele o é até hoje. Ao mesmo tempo, o ápice da cultura islâmica – especialmente a poesia, as artes e a arquitetura – era atravessado pelo espírito da mística. Como forma mais comum da religiosidade, o sufismo se tornou o contrapeso ético e estético à ortodoxia dos doutores da lei. Destacando em Deus antes de tudo a sua misericórdia, olhando no Alcorão atrás de cada letra, procurando em cada religião o que é belo, reconhecendo a verdade também em outras formas de crença e assumindo explicitamente do cristianismo o mandamento do amor ao inimigo, o sufismo permeou as sociedades islâmicas com valores, histórias e melodias que não teriam emanado de uma simples “piedade-ao-pé-da-letra”. O sufismo, enquanto Islã vivido, não revogou o Islã legal, mas o complementou, tornou-o mais suave na vida cotidiana, ambivalente, permeável e tolerante, e, sobretudo, incitante aos sentidos através da música, da dança e da poesia.

Disto, quase nada restou. Onde os islamistas⁷ pisaram, começando no século XIX na atual Arábia Saudita até recentemente, em Mali, a primeira coisa que fizeram foi acabar com as festas sufistas, proibir os escritos místicos, destruir os túmulos dos santos, cortar o cabelo longo dos guias sufistas ou matá-los de uma vez. Mas não somente os islamistas; também os reformadores e os representantes do iluminismo religioso do século XIX e do início do século XX consideraram as tradições e os costumes do islã popular como antiquados e desatualizados. Não foram eles que levaram a literatura sufista a sério, mas os estudiosos ocidentais – orientalistas como Annemarie Schimmel, que em 1995 recebeu o Prêmio da Paz –, os quais editaram os manuscritos

do Sul, no Irã, na Turquia e, não por último, entre muçulmanos no Ocidente. Também a Europa se recuperou após as duas guerras mundiais. Diante da leviandade, do desprezo e da desconsideração, não somente dos nossos políticos, não, mas de nós que, como sociedade, há alguns anos nos manifestamos em relação ao projeto europeu de unificação – o mais precioso que o continente produziu politicamente até hoje –, talvez eu deva mencionar neste momento o que as pessoas me falam nas minhas viagens pela Europa: sim, para eles, Europa é um modelo, quase uma utopia. Quem se esqueceu de por que precisamos da Europa, repare nos rostos emaciados, exaustos e assustados dos refugiados que deixaram tudo para trás, que abandonaram tudo e arriscaram suas vidas, em vista da promessa que a Europa continua sendo.

Isto me faz retomar a segunda formulação tão notável do padre Jacques, ao falar sobre o mundo cristão: “Nós não significamos nada para eles”. Não cabe a mim como muçulmano acusar os cristãos de que, além de não se preocuparem com o povo sírio e iraquiano, nem mesmo se sensibilizam com a sorte dos seus irmãos de fé. No entanto, é exatamente isso que penso quando vejo o desinteresse do nosso público pelo desastre no Oriente, que já parece escatológico e que tentamos manter distante de nós com cercas, submarinos, imagens hostis e persianas mentais. A uma distância de apenas três horas aéreas de Frankfurt, acontecem barbaridades: etnias inteiras são extintas ou expulsas, moças são escravizadas, muitos dos mais importantes monumentos culturais estão sendo explodidos, morrem culturas e com elas se acaba uma antiga variedade étnica, religiosa e linguística que, diferentemente do que aconteceu na Europa, se conservou até o século XXI – mas nós somente nos unimos e nos levantamos quando uma bomba desta guerra cai sobre nós mesmos, como aconteceu nos dias 7 e 8 de janeiro em Paris, ou quando as pessoas que fogem da guerra já estão batendo às nossas portas.

Ainda bem que as nossas sociedades, diferentemente do que aconteceu depois do dia 11 de setembro de 2001,

enfrentam o terrorismo com a nossa liberdade. É gratificante ver quantas pessoas na Europa e especialmente na Alemanha estão comprometidas com os refugiados. Porém, esse protesto e essa solidariedade permanecem muitas vezes sem expressão política. Não debatemos amplamente em nossa sociedade sobre as causas do terror e da onda de refugiados. Não nos damos conta de até que ponto a nossa própria política produz a catástrofe que acontece diante das nossas fronteiras. Não questionamos por que o nosso parceiro mais próximo no Oriente Médio é exatamente a Arábia Saudita. Não aprendemos com nossos erros, quando estendemos o tapete vermelho a um ditador como o general Sissi. Ou então tiramos as lições erradas, quando, diante das guerras desastrosas no Iraque e na Líbia, achamos que seria melhor ficar longe deste genocídio. Nada fizemos para impedir a mortandade que há quatro anos o regime sírio pratica contra o próprio povo. Da mesma forma nos conformamos com a existência de um novo fascismo religioso, cujo território é do tamanho da Grã-Bretanha⁸ e se estende da fronteira do Irã até o Mar Mediterrâneo. Não que haja respostas fáceis sobre como se poderia libertar a grande cidade de Mossul, que tem um milhão de habitantes – mas nem levantamos seriamente esta pergunta. Uma organização como é o “Estado Islâmico”, com seus guerreiros que no máximo chegam a 30 mil, não é invencível para a comunidade mundial – não deveria ser. “Hoje eles estão no meio de nós”, disse o bispo católico de Mossul, Yohanna Petros Mouche, quando pediu socorro ao Ocidente e às potências mundiais para expulsar o “Estado Islâmico” do Iraque. “Hoje eles estão no meio de nós. Amanhã estarão no meio de vocês.”

Não quero imaginar o que ainda deve acontecer para darmos razão ao bispo de Mossul. Pois a lógica propagandística do “Estado Islâmico” ascende a um nível de horror cada vez mais escabroso, através de suas imagens, penetrando desta forma em nossa consciência. Quando já não nos importávamos com alguns reféns cristãos rezando o terço antes de serem decapitados, o “Estado Islâmico” começou a decapitar grupos inteiros de cristãos. Quando apagávamos de

nossa tela de TV as cenas de decapitação, o “Estado Islâmico” passou a queimar as imagens do museu nacional de Mossul. Quando tínhamos nos acostumado com as estátuas despedaçadas, o “Estado Islâmico” começou a arrasar por inteiro as ruínas das cidades históricas de Ninrod e Nínive. Quando não dávamos mais atenção à expulsão dos yazidis,⁹ nos assustaram por um instante as notícias de estupros em massa. Quando acreditávamos que o terror se limitasse ao Iraque e à Síria, assistimos a vídeos *smuff*¹⁰ da Líbia e do Egito. Quando tínhamos nos acostumado com as decapitações e crucificações, passaram a outro ritual: decapitar primeiro para depois crucificar, como aconteceu ultimamente na Líbia. Palmira não foi explodida de vez, mas prédio por prédio, semana por semana, para produzir cada vez uma notícia nova. Isto não vai parar. O “Estado Islâmico” vai aumentar o pavor, até que nós, no nosso cotidiano europeu, vejamos, ouçamos e sintamos que o horror não vai parar por si mesmo. Paris foi apenas o começo, e a decapitação de Lyon não foi a última. Quanto mais ficamos esperando, menos opções restam para nós. Em outras palavras: já é tarde demais.

Um vencedor do Prêmio da Paz pode convocar para a guerra? Não estou convocando para a guerra. Apenas estou salientando que há uma guerra, e nós, como vizinhos próximos, devemos engajar-nos, quem sabe até militarmente, mas, sobretudo, no nível da diplomacia e da sociedade civil e com mais determinação do que até agora. Essa guerra já não pode ser vencida somente na Síria e no Iraque. Só pode ser acabada pelas forças que estão por trás dos exércitos e milícias: o Irã, a Turquia, os Estados do Golfo, a Rússia e também o Ocidente. E somente quando as nossas sociedades não aceitarem mais a loucura, os governos irão se mexer. Provavelmente cometeremos erros em tudo o que ainda pudermos fazer. Mas o maior erro está em não fazer nada diante do genocídio praticado na frente de nossa porta europeia, o morticínio do “Estado Islâmico” e do regime de Assad.

Padre Jaques escreveu no seu e-mail poucos dias antes do seu sequestro no dia 21 de maio:

9 Os *iazidis*, *yazidis*, *yezidi* constituem uma comunidade étnico-religiosa curda cujos membros praticam uma antiga religião sincrética, o *iazidismo*, uma espécie de *iazdanismo* ligada ao *zoroastrismo* e a antigas religiões da Mesopotâmia.

10

emaciados até os ossos, os olhares vazios, marcados pelo sequestro. Também o padre Jacques pode ser reconhecido nas fotografias, vestido de roupa civil, com os cabelos raspados e emaciado, o susto estampado no seu semblante. Ele põe a mão diante da boca como quem não acredita no que está vendo. No palco do salão está sentado um homem forte, barbudo e uniformizado, que assina um acordo. É o chamado “Dhimmi-acordo” que submete os cristãos ao domínio dos muçulmanos. Os cristãos são proibidos de construir igrejas e mosteiros. Não podem levar consigo uma cruz, menos ainda uma Bíblia. Seus sacerdotes são proibidos de vestir roupa de padre. Os muçulmanos são proibidos de ouvir as orações dos cristãos, de ler seus escritos e de entrar nas suas igrejas. Os cristãos são proibidos de portar armas e têm que obedecer incondicionalmente às ordens do “Estado Islâmico”. Têm que se abaixar, suportar sem reclamar qualquer injustiça e pagar um imposto *per capita*, chamado *Dschizya*, para que possam sobreviver. A gente passa mal ao ler este acordo. Ele divide as criaturas de Deus claramente em pessoas de primeira e segunda classe e não deixa nenhuma dúvida de que, além disso, há pessoas de terceira classe cuja vida vale menos ainda.

Na fotografia, o padre Jacques nos dirige um olhar calmo, mas também profundamente deprimido e desamparado, pondo a mão diante da boca. Com o próprio martírio, ele estaria conformado. Mas isto era de perder o juízo: ver sua comunidade toda sequestrada, com as crianças que tinha batizado, com os noivos que tinha casado, com os anciãos que tinha dado a unção: tudo isso era demais até para o padre Jacques, este homem tão precavido, forte de espírito e temente a Deus. Foi por causa dele que os sequestrados tinham ficado em Qaryatein, em vez de fugir da Síria como os outros cristãos. Certamente, padre Jacques vai pensar que a culpa é dele. Mas eu sei que Deus faz outro julgamento.

Há esperança? Sim, há uma esperança, sempre há uma esperança. Já tinha escrito esta palestra quando recebi cinco dias atrás a notícia: padre Jacques Mourad está livre. Moradores da cidadezinha de Qaryatein ajudaram-no a escapar da prisão e o levaram com a ajuda de beduínos para fora do domínio do “Estado Islâmico”. Agora, ele voltou aos seus irmãos e irmãs da comunidade de Mar Musa. Aparentemente, muitas pessoas estiveram envolvidas no resgate, todas muçulmanas, e cada uma delas arriscou a própria vida por um padre cristão. O amor agiu além das fronteiras da religião, da etnia e da cultura. Embora essa notícia seja fantástica e, no bom sentido, milagrosa, continua prevalecendo a preocupação, acima de tudo com o próprio padre Jacques. Certamente, depois de sua libertação, a vida dos outros duzentos cristãos em Qaryatein está ainda mais ameaçada. Outra preocupação é com o seu mestre padre Paolo, o fundador da Comunidade Cristã, que ama o Islã: dele não há nenhum vestígio. Mas há esperança até o último suspiro.

Um vencedor do Prêmio da Paz não deve chamar para a guerra. Mas ele pode chamar à oração. Prezadas senhoras e prezados senhores, peço-lhes algo inusitado – embora não seja tão inusitado numa igreja (de São Paulo, em Frankfurt). Peço-lhes para não bater palmas no final da minha palestra, mas sim para orar pelo padre Paolo e os duzentos cristãos sequestrados de Qaryatein, pelas crianças que padre Jacques batizou, os noivos que ele casou, os velhos aos quais prometeu a extrema-unção. E caso o senhor, a senhora, não seja religioso/a, então marque presença espiritual junto aos sequestrados e também junto ao padre Jacques através dos seus desejos, pois ele sofre pelo fato de ter sido libertado sem os outros. Oração não é mais do que isto: um apelo, um desejo que se dirige a Deus. Creio em desejos e nos seus efeitos para o mundo – com ou sem Deus. Sem o desejo (que ativa a vontade) a humanidade não teria colocado pedra sobre pedra destas obras que a guerra destrói num instante. E assim lhes peço, senhoras e senhores, orem por Jacques

504

Mourad, orem por Paolo Dall'Oglio, orem pelos cristãos em Qaryatein; façam orações e pedidos pela libertação de todos os reféns e a libertação da Síria e do Iraque. Vocês estão convidados a se levantar para a oração silenciosa, e assim vamos opor aos vídeos *snuff* dos terroristas uma imagem de fraternidade.

Muito obrigado!